

COLECÇÃO

- - - -

Chiado Editora

chiadoeditora.com

Um livro vai para além de um objeto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana “põe quanto és no mínimo que fazes”. Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

www.chiadoeditora.com

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde
Conjunto Nacional, cj. 903, Avenida Paulista 2073,
Edifício Horsa 1, CEP 01311–300 São Paulo, Brasil

Avenida da Liberdade, N.º 166, 1.º Andar
1250–166 Lisboa, Portugal

Chiado Editorial

Espanha
Calle Serrano, 93, 3.ª planta
28006 Madrid
Passeig de Gràcia, 12, 1.ª planta
08007 Barcelona

Chiado Publishing

U.K | U.S.A | Irlanda
Kemp House 152 City Road
London EC1CV 2NX

Chiado Éditeur

França | Bélgica | Luxemburgo
Porte de Paris
50 Avenue du President Wilson
Bâtiment 112 La Plaine St Denis
93214 Paris

Chiado Verlag

Alemanha
Kurfürstendamm 21
10719 Berlin

© 2015, Zé Carlos Tiago de Oliveira e Chiado Editora
E-mail: geral@chiadoeditora.com

Título: Um Oriente a Oriente do Oriente
Editor: Sara Soares dos Reis
Composição gráfica: Inês Tavares – Departamento gráfico
Capa: Inês Tavares
Revisão: Zé Carlos Tiago de Oliveira
Impressão e acabamento: *Chiado Print*
1.ª edição: ---, 2015

ISBN: -----
Depósito Legal n.º -----

ZÉ CARLOS TIAGO DE OLIVEIRA

UM ORIENTE
A ORIENTE DO ORIENTE

Chiado Editora

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

ÍNDICE

Borges	7
A Busca de Ibn-Arabi.....	9
Cegos em Marrakech	21
O Princípio das vitaminas.....	25
Sul	31
Tíndalos.....	33
Bala Flamejante	39
Nul n'est prophète en son pays	43
Paramaribo.....	47
Flowers for Algernon	49
Tegucigalpa	53
Índia	57
Chamamento.....	59
O Duelo dos Magos.....	67
Assunción.....	75
Universidades	77
Amigos de Alex.....	79
O Comboio dos Malditos	83
Traje de Luces.....	89
Fama Fraternitatis.....	93

Zeitgeist.....97

Tertúlias há mais de meio século.....	99
O Dia dos Dinossauros.....	105
Violações Causais.....	109
Da Arte, Dimensionalidade e Tempo.....	113

Con Los Pobres de la Tierra123

20 Anos Depois	125
De Profundis	131
Rosalba/Simferopol	135
Rozabal/Srinagar	139
O Outro Lado.....	145
Thanksgiving.....	149
Aquipélago	153
Sal.....	153
São Nicolau.....	154
Santo Antão	154
Santiago.....	155
Brava	155
Fogo.....	156
Neiges D’Antan.....	159
McCabe and Mrs. Miller.....	160
Floresta Negra	160
Sonhos de outro velho.....	161
Numerologias	167

Borges

A Busca de Ibn-Arabi

“...Dirigi-me então um belo dia a Córdova, à casa de Averróis. Ele tinha manifestado vontade de se encontrar comigo, por ter ouvido falar das revelações que Deus, me segredou durante o meu retiro, e que muito o encheram de admiração”.

Apesar do nome e da intenção, acabará este por ser mais um ensaio sobre Borges: autor que a si mesmo se apresenta como um bom poeta, e sofrível ensaísta ou romancista. Inversa é a perspectiva de quem estas linhas escreve¹. O seu texto “A Busca de Averróis” propõe-se como a história de

1 Mais precisamente, é nossa ideia que Borges seja, sobretudo, um autor a incluir entre os filósofos; consideramos, por exemplo, “as ruínas circulares” como uma refutação do cogito cartesiano.

um fracasso pessoal, ou a de uma demanda - a tradução dos vocábulos tragédia e comédia - que (entre todos os homens) esteve vedada ao protagonista. O palco é em Córdova, e o Guadalquivir suaviza o cenário.

São comparsas, no texto da adaptação ao teatro que nos inspira, um mercador vindo de Pequim (na altura ainda se chamava Khanbalic) e um espectro², personagem retirado de uma colectânea mais antiga do escritor argentino. Não sem razões de sobra, este é um tintureiro que adiante aparece mascarado: a novela designa-o como o profeta velado, e o livro que o inclui é a *História Universal da Infância* (multi-color, diáfono, proscrito e abjecto).

A temática do redentor que emerge do deserto é corrente nos sebastianismos, como na Grécia (vide os dormentes de Éfeso mencionados na narrativa sobre o teatro). No entanto, a sua origem nos imaginários de Borges parece ser islâmica, e estar relacionada com a mística xiita. Partiremos da narrativa na primeira pessoa³, daquele a quem chamaram o “filho de Platão” e que se situa no mais recôndito do pensamento dervixe ou sufi.

Por três vezes Ibn-Arabi buscou a Averno, e todas elas em terras Andaluzas. Outras tantas, dir-se-ia, se evitaram. Parece-nos ser esta - com vastas consequências na história do pensamento islâmico e escolástico - a ocasião de um outro fracasso.

2 Veja-se o número único de Contemporaneidades, “Averroes”, editado por M. T. Cruz e J. J. Lopes, s/d. Cf. também *II espectro i il libertino*, G. Giorello, ed. Mondadori, Milão.

3 Extraída de *Science et Conscience*, ed. Stock, e aqui por sua vez de *l’Imagination Créatrice dans le Soufismo de Ibn-Arabi* de Corbin, que a trouxe do livro de Asin Palácios.

Era eu na época um jovem imberbe. À minha entrada levantou-se o filósofo e veio ao meu encontro, prodigalizando sinais de amizade e de admiração. Ele disse: “Sim”; retorqui: “Sim”; vi-o então alegrar-se pela forma como o compreendia. Mas tomando eu próprio consciência da razão do seu contentamento, acrescentei: “Não”.”

Os paradoxos, em lógica, terão começado com Zenão ou Epiménides. Russell e Whitehead⁴, com momentâneo sucesso, excluíram-nos do pensamento matemático, onde reentraram pela mão de, entre outros, Spencer Brown ou Asenjo. Mas, é depois de Bateson (a propósito dos Iatmul da Nova Guiné) e com Watzlawicz, que a comunicação paradoxal ocupa lugar de honra no campo disciplinar da pragmática. São situações de excepção (inesquecíveis, raramente quotidianas) em que os protagonistas comunicam numa base que viola as suas identidades, ou a representação que fazem do mundo.

Deste teor parece ser a situação, conforme é retratada por Ibn-Arabi (e faz pena Averróis não ter deixado a descrição complementar): é a sua consciência da percepção alheia (Von Foerster merece ser aqui citado, quando diz em Royaumont “eu sou a relação entre eu próprio e mim mesmo observando”, para concluir, pouco depois, “é impossível a comunicação directa entre dois sistemas nervosos”).

No seu excessivo amor ao que de inhumano tem a verdade, Ibn-Arabi propõe (desafila) o sábio de Córdova com qualquer coisa que ele o sabe incapaz de integrar no seu sistema. Cabe aqui lembrar o mestre vishnuita⁵ de Lanza del

4 Outros dois que se encontraram por uma vez – nos *Principia Mathematica* – mas em filosofia propugnaram sistemas que os epígonos de ambos opõem.

5 Capítulo “Le philosophe sur le toit”, in *Le pèlerinage aux sources*.

Vasto (que o não seguiu) a propósito dos discípulos Shivaitas de Shankara –...” os seus raciocínios não têm de ser coerentes, são como sombras de objectos a moverem-se no andar de cima...”

Mais séria é pois esta polémica, do que a outra entre a comédia e a tragédia. Não há aqui o óbice perverso da tradução do idioma grego, ambíguo e distante, de textos de Estagíria. São dois os personagens vivos que se cruzam, um no apogeu da fama, o outro no embrião da glória. Podemos conjecturar se a conversa terá decorrido em espanhol vulgar ou em árabe erudito...

Qualquer que fosse a língua, o “não” era a palavra mais cruel.

“Logo Avernois contraíu-se, alterou-selhe a cor dos seus traços, pareceu duvidar do seu pensamento. Perguntou ele: “Que género de solução encontraste, pela iluminação e inspiração divinas? Será idêntica àquela que nos foi dispensada pela reflexão especulativa? Respondi-lhe: “Sim e não. Entre o Sim e o Não os Espiritos levantam voo longe da matéria, e as nucas separam-se do seu corpo.” Vi que tremia. Murmurou a frase ritual “só em Deus há força” pois tinha entendido a minha alusão.”

No texto de Borges sobre Hakim de Merv, é caso de uma cabeça transportada aos céus, donde vem resplandescente glorificada. Alguma sabedoria, da Anatólia ao Cáucaso⁶, refere o “collarbone”. Que cresce naqueles que, por trabalho interior, conseguiram contrsuir uma alma imorredoiira; são comumente transportadas como relíquias ou amuletos. As tradições ditas chamanistas, nem sempre de origem cultural

6 Cf. *Meetings with Remarkable Men*, de Gurdjieff.

comum, referem detalhadamente viagens místicas aos céus, donde o chamane é suposto retornar “voltado de dentro para fora”⁷ (e com poderes que vão da cura à adivinhação. Também no tantrismo tibetano, em mais do que uma Ordem, é ritual oferecer-se o corpo de pastagem aos demónios e parte das libações são feitas em crânios⁸. Há caveiras fendidas nos túmulos de Neanderthal, cabeças de cristal nos dos aztecas, e uma interpretação do culto de Baphomet indica que este teria sido a adoração à cabeça de S. João Baptista, cortada à maneira de Salomé. E recorde-se o diálogo de Apa Macário com a caveira que lhe descreve os tormentos do inferno: “Somos queimados e torturados, de costas uns para os outros, sem nos vermos...” para a seguir descrever os benefícios das preces: “...quando por nós rezam, vislumbramo-nos uns aos outros num piscar d’olhos...”

Universal, o símbolo da cabeça decepada? Há Dionísio o Aeropagita, o cafalóforo, Dumas e a Máscara de Ferro. Luis XVI e a guilhotina⁹, etc.

Na novela de Borges, Hakim emerge do deserto acompanhado de dois cegos e com uma máscara de touro (e cruzam-se aqui dois mitos gregos, a caverna e o labirinto).

A máscara e a doença funcionam, na História de Hakim, como a condição de dois mundos - a glória celestial do profeta, que é a lepra no Khorassan. No desencontro de Ibn-Arabi com Averróis, entre o *sim* e o *não*, falta o enorme

7 Cf. “Le Retournement de la Sphère”, B. Morin e J.P. Petit, in *Pour la Science*, vol. 15, 1978.

8 Os tambores tibetanos são também usualmente feitos com a parte convexa do crânio.

9 Devemos a Georges Viaud a observação de como este símbolo é recorrente na monarquia francesa.

talvez, que pudesse incluir a simpatia, o diálogo ou a simples dúvida de cada um acerca de si mesmo.

Uma comparação neurofisiológica faz pensar no resultado das experiências de dissociação entre os hemisférios cerebrais: o direito, lugar da vontade e do sonho (nuca que salta do corpo); o esquerdo, o único hemisfério capaz de distinguir a tragédia da comédia.

A resposta de Averróis poderá ser interpretada como reconhecimento de

algo que, estando dentro do Corão, faltasse existir em Aristóteles (e que estivesse no hemisfério direito sem que o esquerdo o soubesse?)

Diz Borges, a outro passo, que qualquer luta, debate ou controvérsia é um momento de imensa disputa entre Platão e Aristóteles. Num conto fala de uma partida de xadrez jogada entre duas famílias através das gerações. Teria sido este mais um xeque vibrado pela posteridade do divino Platão na do preceptor de Alexandre da Macedónia?

“Procurei ter uma nova entrevista com Averróis; a Misericórdia Divina fez com que ele me aparecesse num êxtase (Waqi’a), sob uma forma tal que entre ele e mim havia um Véu diáfano. Eu contemplava-o através desse véu, sem que ele me visse ou soubesse estar eu ali.

Estava demasiado absorto na sua meditação para se aperceber. Concluí então que o seu propósito não o conduz aonde eu próprio estou.”

A dinâmica da interacção entre os dois pensamentos foi, desde o princípio, de incomunicação. Aqui rompem definitivamente. Repare-se no simbolismo do véu, desta feita esten-

dido como filtro unilateral. (Notaria Borges que, a passar-se na China, seria atrás de biombos...).

A literatura pertinente ao Yoga e Zen distingue, com minúcia, os estados de consciência do género da concentração ou da absorção (dhyana), por exemplo: meditação sobre um símbolo, um ponto, um órgão do corpo, um mestre, um Koan, um mantra: daqueles que (samâdhi, nirvana) transcendem a particularização e, talvez a falta de melhor, são definidos como consciência do vazio¹⁰. Numa escola de exercícios espirituais (onde não se faça apelo à iluminação súbita) o primeiro tipo de estados deverá anteceder os segundos que, nalgum sentido, lhes são superiores.

Também na literatura persa, em Farad-ud-Din-Attar, três vezes citado por Borges, se fala do pássaro colectivo composto de outros pássaros (algo como um conjunto autológico, proposto por Russel a Frege como refutação de consistência dos seus escritos, ou como um catálogo de catálogos, na Biblioteca de Babel). O livro é muito justamente denominado “O Congresso dos Pássaros”. A partir de uma pena perdida em terras de China, os pássaros reúnem-se a procurar o Simurgh. Atravessados sete vales (um deles “aniquilação” onde perdem a individualidade) dão-se conta de que juntos eles são o que procuram (compare-se com o “Congresso do Mundo” de Borges). É um argumento circular, auto-referente, teleológico, irreduzível ao raciocínio linear. O argumento ontológico, ou o princípio antrópico, assemelham-se-lhe, e ambos são alheios à lógica aristotélica.

Quando perguntaram a Ramakrishna o que era o êxtase - é Lanza del Vasto quem o conta - ele tombou em êxtase: as palavras não conseguem captar tal estado de consciência. Formas retóricas, como a dedução ou a exposição pedagógi-

10 Cf. *Le vide et le plein*, de François Cheng.

ca, são lineares (procedem de hipóteses de modo a concluir). O discurso profético ou inspirado é auto-referente (pressupõe-se, quicá discute consigo próprio, e confirma-se). São formas de pensar tão diversas entre si, que não podem falar do mesmo.

Repare-se aqui como, notavelmente, uma civilização sem teatro — a persa — recorre a encenações chinesas, celestiais, e à mitologia (a fazer lembrar *o argumentum ornithologicum*, prova borgesiana da existência de Deus).

“Só tive ocasião de o reencontrar ¹¹ pela sua morte, ocorrida no ano de 595 da Hégira, em Marraquexe. Os restos foram transferidos para Córdoba, lugar do seu sepulcro. Quando o caixão com as suas cinzas foi carregado ao flanco de um burro, colocaram as suas obras do outro lado, a fazer de contrapeso. Eu estava lá, de pé, à espera. Comigo, o juiz e letrado Abul-Hosyan Mohamed-Ibn-Jobayr, assim como o meu companheiro Abu-I-Hakam Amin Ibn-Al-Sarrac¹², o copista. Disse Abu-I-Hakam: “Reparem no contrapeso do Mestre Averróis, na sua montada! De um lado o mestre, do outro as suas obras, os livros que compôs!”

11 Outros, mais modestos, diriam: “não o tornei a ver”. Compare-se com: “Olha para este sol! Jamais voltarás a vê-lo” (Lod à rainha de Sodoma) e “Maldicha Ciudad! Jamais volveré a verte” (Goyttysolo partindo de Barcelona para Tânger, ou “Mira esta página: nadie la verá de nuevo” (o vendedor do Livro d’Areia a Borges)

O estilo da segunda parece-nos preferível.

12 A enumeração caótica (cf. “O Aleph”) permite a Borges pressupor o infinito: pela sua extensão, a repetição, abundante em aspiradas e fricativas, de um punhado de nomes islâmicos, consegue mais economicamente o mesmo efeito. (Será esta a essência do poder dos “mantras”?).

A pequena história cuja trama seguimos começa em tom de tragédia: Adquire, aquando do sonho, o teor de um drama hamletiano (género de implementação teatral posterior à narrativa); para terminar mais prosaicamente em comédia.

As gerações imediatas, academias, conventos, escolas no mundo árabe e ocidental medieval vieram enfatizar as escolástica, em grande parte consequência de leitores de Averróis. As correntes místicas tiveram tendência a afastar-se para Oriente e esconderem-se. O fortalecimento dos estados coioniais e (corn muito mais brutalidade) a emergência das novas naçOcs, conjugaram-se para as destruir, num banho de sangue. Por exemplo veja-se como a Túrquia de Kemal Ataturk tratou os dervixes¹³; como os Bahai são Perseguidos no Irão; ou atente-se nos Babis descritos n”A Relíquia” de Eça, já quase inexistentes.

Algo semelhante será a sorte actual dos chamamismos. Maria Sabina já não vive; mas os Tunguses e os Goldes (cf. “Dersu Uzala”) trabalham quotidianamente no Transsiberiano. Os lídimos descendentes dos toltecas, houveram por necessário, segundo “The Fire from Within” de Castaneda, organizarem-se em termos de células, para que subsistisse a “via do guerreiro” - não sem o contributo de uma múmia animada, digna de comparação com as descritas por Ossendowski e David-Neel (e porque não compará-lo a “O Imortal” de Borges?). São notícias de modos de estar no mundo que ocasionalmente nos chegam por via literária (quanto de perdido na Biblioteca, em Alexandria!) e de que pouco a pouco, por acaso, reaparecem os recipendiários da mais arca sabedoria.

13 Na sequência, aliás, das imolações dos Sohrawardi e al-Hallaj (voluntárias, talvez?).

Mas é também este o tema do poema de Coleridge que desperta para versificar o seu sonho do palácio de Kubilai (até que alguém o interrompesse). Só posteriormente, um palácio como esse foi exumado pelos arqueólogos. Será esta apenas uma narrativa de Borges, ou um mesmo objeto extraído de um céu platónico, que uma primeira vez e monstruosamente se realiza como um sonho em verso, na segunda e última, prosaicamente, em mármore e granito? Ou, como é o caso no “Gödel, Escher, Bach”, de Holfstädter, de uma ideia que, inicialmente música, chega ao século XX transfigurada em arte plástica e num desesperante teorema?

“Resposta de Ibn-Jabayr: então não reparei, jovem amigo? Decerto que sirn. Abençoada seja a tua língua!”. Recolhi desde então em mim a frase de Habu-I-Hakam como tema para meditar e recordar. Sou hoje o único sobrevivente desse grupo de amigos Deus os guarde na sua Misericórdia - e desde aí me lembro: dum lado o mestre, do outro as suas obras... Ah, como eu queria saber se as suas esperanças se realizaram!”

Se a conclusão deste dilema houvesse cabido a Borges, ele não teria sido generoso.

Jamais poupou os teólogos. Deixou Melanchton afundar-se lamentavelmente no inferno de Swedenborg. Não resolveu os debates de Alexandre de Panónia. Enterrou Tzincan numa masmorra. Enfim, atribuiu a Nils Runenberg um destino mais infame do que os trinta dinheiros, um beijo e um pedaço de corda do Judas que este quis canonizar: o da loucura, errando pelas vielas de Malmö. Aliás, n “O Duelo” - conto improvável, onde contendores são mulheres e a arma raramente branca, é o pincel – diz-nos que os bem-aventurados estão decepcionados com o céu, iludidos que foram com

as descrições dos teólogos, que nunca frequentaram esse estabelecimento¹⁴...

Buscas como a de Averróis¹⁵, do Quixote, de Pierre Mé-
nard, de Melanchton, de Hakim de Merv, de Herbert Ashe,
do leitor, ou a minha, serão decerto desilusões (“delusions”)
nas obras de Borges, porque este autor assim o quer. Outros,
como Garcia Marquez, encará-las-iam com optimismo¹⁶.

A busca de Ibn-Arabi falhou também, mas por outro mo-
tivo. Senti-lo-emos

ao tentar interpretar o que pode ter sido a disposição re-
lativa de dois amigos (?) depois de tudo isto.

Havia desde o princípio, uma dissimetria de vontade en-
tre o velho e o moço (a derrota é sempre a manifestação de
uma insuficiente vontade de vencer¹⁷) e também qualquer
sobranceria pela parte de Ibn-Arabi, a fazer lembrar o epi-
táfio lapidar de Clarke¹⁸ (cujas teses eram as de Newton),
após um ping-pong verbal de 9 epístolas de densa prosa fi-
losofal, entre os conceitos de espaço relacional e absoluto,
quando conclui:

14 E acrescenta: “quicá os réprobos, no inferno, serão mais felizes”.

15 Recorre-se aqui de novo à enumeração caótica de personagens:
semelhante ao problema da organização de enciclopédias, impostos ou bi-
bliotecas. Para melhor informação consulte-se o *Idioma Analítico de Bor-
ges*, por John Wilkins, e ainda o *Empório Celestial de Conhecimentos Be-
névolos*, do dr. Franz Kuhn.

16 E talvez por isso tenha merecido o Nobel.

17 Num outro conto (Guayaquil) é o vencedor que diz, “acato e cum-
pro a sua vontade”, cf. Também *Parerga und Paralipomena*, de Schopenhauer.

18 Cf. o estudo de Augusto Fitas, in *Vértice*, 56, 1993.

“Mr. Leibniz was prevented by death from returning any answer”

Mas a nossa simpatia vai, hoje e sempre, para Averróis, cuja atitude faz lembrar Jorge de Sena (algures, a propósito de Beethoven) e nos permitimos, de memória, caracterizar assim:

“... É medo, um medo-orgulho feito de solidão e de desconfiança. Não piedosa tentativa de captar um Deus; não ardente anseio de união com Ele. Não é também com tanta majestade a exigência, de que Ele exista, porque assim o inventa. E um medo comovente que o não haja, para a remissão dos pecados, bálsamo das feridas, consolo das amarguras, dádiva do que se não teve nunca, ou se perdeu para sempre”...

Cegos em Marrakech

“una luminosidad difusa, que me persigue
hasta las tinieblas”

J. L. Borges

Trata-se de um café de esquina, na praça central da cidade que dá o nome ao país, e constitui, desde sempre, o lugar de comércio e encontro dos que migram para o deserto.

Quando Prigogine fala de sistemas de partículas que se auto-organizam, lembro-me sempre de Jemaa-al-Fna. Vista desse café de esquina, a praça parece os três quartos de um queijo. Atrás do ângulo recto, um bazar (em socalcos e varandas), onde se vendem cassettes e fabricam óculos de sol.

O ângulo recto, descoberto à esquerda, é sombrio, e os turistas não vão lá.

Vendem-se meias, sapatos em segunda mão, e há 3 ou 4 feiticeiros que rezam ladaínhas e fabricam ungentos. Em roda de cada um está um grupo atento de camponeses, nunca numerosos. No ângulo verticalmente oposto à esquina, campeiam os turistas. Vendem-se barretes e cachimbos de kif. Há as barraquinhas de comida, as lâmpadas feéricas, o cheiro de fritos. Recordo a tenda nº 25, onde um dos cozinheiros se parece com um gaulês da aldeia de Obélix. No círculo exterior, vende-se sumo de laranja.

O 3º quadrante livre é mais comercial: encantadores de serpentes, músicos saltitantes, leitores de sina. E de novo, grupos cuja dimensão é, como em Prigogine, controlada pelas suas flutuações.

Todas as interacções são, nessa zona, medidas por dinheiro. Consegue-se obter moedas francesa e argentina (e cabe aqui lembrar como, em tempos, um grupo de compatriotas aí esteve instalado a representar o Capuchinho Vermelho, cobrando dinheiro).

Como nos sistemas abertos, sujeitos à ordem por flutuação, há um ritmo temporal. No Inverno, das 9 às 22, no Verão das 9 às 2. Como em Termodinâmica, a razão disso é a temperatura. Na origem, esta praça era o lugar onde se exibiam as cabeças dos mortos; a mais bela descrição de quem lá passou, nos anos 30, é a de Pierre van Paassen. Ele conta como no alto dos seus camelos, 6 grandes senhores, mortos e amortalhados, vinham assistir postumamente às danças lascivas das escravas chleuh, e como toda a festa se fazia em torno de olhares que não viam. As mulheres diziam – “tudo isto é para ti”. Haxixe e chá de menta eram distribuídos a discrição. Eunucos impediam os senhores embalsamados de cair das montadas bamboleantes.

A razão disto era uma antevisão do Paraíso, já que o tempo de espera poderia ser longo. E explica o nome da

praça - vertido em idioma latinizado, significa Assembleia dos Mortos.

Nesse café de esquina, que me serve de lugar para a sopa e o chá desde há uma década, também os tempos mudaram o ponto de vista. Antigamente os bancos eram de madeira, alinhados em duas filas, como os de uma camioneta, na longínqua direcção dos espremedores de laranjas, que as tendas ocultam.

Hoje, sinal de modernidade, é uma esplanada, com bancos soltos, e é permitido voltá-los para todos os lados.

Olhar sem ver.

Foi nesse café de esquina que vi - e todos viram - a cruel imagem do movimento browniano. Um mendigo cego e corcunda, aos encontrões, gritando como só outra vez ouvi gritar (a um gato atropelado) -, brandindo a bengala ao alto, vestido de um branco forte, só entre a multidão, incapaz de ser ajudado.

Já uma vez, em Marrocos, na fronteira de Ceuta, tinha tido essa imagem: um berbere de capuz, recém-vindo de comprar um piaçaba e uma caixa de bolachas em qualquer “duty free” espanhol, que avançava por entre os carros, ser golpeado por pingalins policiais. Repetia e avançava de novo, recuava, à esquerda, à direita, e sumir-se no seu país na única altura em que, no caminho, só encontrou guardas de costas.

A diferença, deste cego, é que ele não tinha aonde se dirigir. Á nossa frente, deu duas voltas completas. Berrava e golpeava o ar. Era corcunda, mas parecia fitar e acusar os céus. Depois desapareceu. Quiçá, daqueles de que falo nestas linhas, é, com o gaulês da tenda nº 25, o único que vive (oxalá).

Um outro cego visitou esta praça, num congresso de poetas. Num verso que deixou, menciona os seus cheiros.

O Princípio das vitaminas

«Biblioteca personal (Prólogos)»

Jorge Luís Borges

Alianza Editorial, Madrid, 1988, 132 págs.

«Eih blanek, eih blavek»

Otokar IV da Sildávia

1 — Um dia (éramos jovens), no recreio cercado de plátanos do velho liceu - que hoje é fronteiro a um supermercado - Herrera de Castro contava-me que seu Pai tinha uma lista de 30 livros; esta resumia a vasta história, literatura e povos do saber humano.

Não é demais recordar como ambos - Pai e Filho - se ilustraram: o pai, engenheiro da África oriental, mais tar-

de poeta. O filho, José Felipe, teve fama como músico, mas tudo abandonou para exercer a missão, em terras de “Morte e Vida Severina”. Nem por isso deixou de jogar xadrez magistralmente.

Dirigi-me, ao outro dia, a falar com o Pai. Recebeu-me com distinção - José não estava presente -, mas ao pedir-lhe pela lista dos trinta, obtive enigmática resposta — “É o princípio das vitaminas”.

Revejo a nobre casa de família, as sombrias paredes forradas de livros, ao fundo o piano.

Julguei aí entender que ele me propunha não substituir um suculento repasto - toda a literatura universal - por um dos seus resumos, arbitrário ou apressado (as vitaminas).

Recordo-me de então pensar que a frase se aplicaria com mais razão ao Reader’s Digest, ou a Encyclopaedia Britannica...

2 — (Cito)... “dizem os Hassidim que, a cada geração, 12 homens justos aparecem a sustentar o mundo...”

Quais são aqueles que o impedem de cair no Scheol, que redimem e justificam a raça humana, aos quais se resume uma História, ou um século?

Se pensarmos no que ora termina, no plano político-militar serão indispensáveis, sem ordem e sobrepostos arbitrariamente, Lenine, Gandhi, Mao, De Gaulle, Perón, e aquele que alguém descreveu como “um filantropo chamado Adolf Hitler”.

Na ciência, Cantor, Planck e Einstein; Salvador Dali anexaria a estes os contemporâneos Thom e Prigogine. Mandelbrot incluir-se-ia a si mesmo.

No campo da justiça ou da prática do bem, avultariam Schweitzer e Teresa de Calcutá.

Em arte, além de Dali, Fellini, os Beatles, Magritte ou Escher - a escolha mais difícil, é subjectiva, mesmo quando nos restringimos ao fantástico.

Tão difícil como na arte em geral, é a escolha de 5, 12 ou 30 nomes justos, em literatura. Uma tal eleição terá o aspecto exótico da lista dos nobelizáveis (ou dos papabile).

Um nome, porém, um único, não faltaria em todas elas (quicá numa posição menos honrosa). Súmula e complemento do seu século (e de toda a literatura anterior), adivinhou já o leitor só poder tratar-se de Jorge Luis Borges.

3 — Que aconteceria se pedíssemos a um homem o qual, ele próprio, incarna e resume uma arte em toda a sua extensão histórica, que seleccionasse, ele também (e excluindo-se) os 100 livros fundamentais da literatura?

Foi este o desafio que em 1984, a Editorial Hyspamérica — “dedicada à venda de livros em quiosques de imprensa” — propôs a Borges.

Até ao fim dos seus dias, escolheu e prefaciou, e 75 títulos saíram, fucando os últimos 3 sem prólogo. Eis o que o volume, ora em recensão, nos traz: a biblioteca pessoal de Borges, com os seus sucintos prefácios.

80 anos de Borges e 60 de literatura tinham oferecido ao universo um novo estilo de escrita. A presente obra vem-nos agora dar a síntese enciclopédica do seu gosto mais íntimo.

4 - Não nos espantará que faltem, nestas páginas, os textos do “cego e colectivo Homero”, do Dante que foi objecto de 9 ensaios seus, do “infinito Shakespeare” ou do “apaixonado e lúcido Schopenhauer”. De certo modo se pode dizer

que a obra de Borges constitui um (infelizmente breve) pos-fácio ou epílogo a estes 4 autores.

Citemos, desordenando, alguns dos livros editados - os Evangelhos Apócrifos, os Demónios de Dostoievsky, Fray Luis de León sobre o Cântico dos Cânticos e o livro de Job, os 9 livros de História de Heródoto, William James e seu estudo das variedades da experiência religiosa, Alexander Gunn àcerca do tempo, e a “Pedra Lunar” de Collins. Qualquer destas obras ocupou 2 volumes da colecção, sendo que o prefácio apenas figura no primeiro.

Outros títulos são um pouco inesperados - Eça de Queirós e “O Mandarim”, 3 livros científicos - a “Inteligência das Flores” de Maeterlinck, «Matemática e Imaginação» de Kasner e Newman, e a «História dos Animais» de Eliano (traduzimos os títulos por eles serem evidentes).

Alguns textos sagrados - o «Livro dos Mortos ¹⁹», «Bhagavad Gita», «Gilgamesh».

Uma selecção de um título de alguns autores que conhecemos como favoritos seus (Cortázar, Chesterton, Kafka, Ibsen, Lugones, Wells, Graves, Buzatti, O’Neil, Melville, Narihira, Papini, Conrad, Wilde, Michaux, Hesse, Veblen, Flaubert, Schwob, Marco Polo, Bernard Shaw, Quevedo, Phillipots, Kierkegaard, Henry (Pai de William) James, Kipling, Cocteau, De la Serna, Stevenson, Bloy, Arreola, Garnett, Swift, Láinez, Ruiz, Walpole, Estrada, Voltaire e Momigliano).

Os poucos livros não listados neste parêntesis são os que merecem comentário.

De De Quincey, escolhe Borges. *Os últimos dias de Kant*. Dunne já o tinha inspirado pelas suas experiências sobre o tempo, e é agora aqui reeditado.

19 do Egípto; o do Tibete, primeiro seleccionado, viu-se depois eliminado pelo editor cego.

A Eneida é mencionada “d’après Leibniz” como sendo o livro perfeito, e é comparado o valor de 100 livros distintos (a biblioteca pessoal) com o de 100 idênticas Eneidas²⁰.

Juan Rulfo é algo insólito, uma vez que Garcia Marquez o tinha elogiado já.

A aparição de Groussac é a justa homenagem ao seu antecessor na Biblioteca Nacional.

Das *1001 Noites*, Borges vem a recolher a tradução de Galland (e não a de Burton, como esperariam os seus leitores mais antigos).

O último prefácio que escreveu em vida foi o da saga de um guerreiro, de Snorri Sturluson, “fonte de imagens e metáforas”. O livro inclui em apêndice, nomes de textos pré-seleccionados por Borges, e depois eliminados. Aí vemos (sem exaustividade) Safo, Yourcenar, os pré-socráticos de Kirk e Raven, Russel, Buber, Plínio e Cícero, Ésquilo, Jack London e Novalis.

Lembrar aqui que Anagarika Govinda viveu a memória de reencarnar este poeta.

Os prefácios são, como desde há vários anos na obra de Borges, sucintos, demasiado curtos. Alguns nada acrescentam ao conteúdo do livro que precedem.

A excepção são as 7 quase longas páginas do prólogo a *Decadência e Ruína do Império Romano* de Edward Gibbon.

Aqui quem escreve de novo é o Borges juvenil. Talvez, neste texto e na saga islandesa, se encontre o eco daquilo que, nos últimos anos, o grande mestre argentino tanto gostava de ouvir ler.

20 Um dilema semelhante (relativamente ao Corão) teve solução num incêndio, em Alexandria.

Sul

Tíndalos

O poeta cego, que já não vive, e cujo nome só quero recordar em silêncio, usava dizer que a Filosofia mais não é que a continuação dos peripatéticos diálogos entre os seguidores do Estagirita e os do seu Mestre.

De modo idêntico se dividem os homens que não filosofam, em dois grupos exclusivos - há os que gostam de cães, e aqueles que preferem os gatos.

Militei a vida inteira entre estes últimos. No apogeu duma juventude estudiosa, em ruas de terra batida cujas casas estão hoje demolidas, recolhi 3 deles, vadios. Pelo fim da Páscoa deram origem a mais 4, que num dia, terrível como poucos, deixei numa fortaleza, sujeitos ao vento inclemente; nessas muralhas medievais, creio, há anos, ter surpreendido o olhar e a pelagem fulva dos seus netos...

Mudei de hábitos e de preferência, com a troca de vida que foi o câmbio de hemisfério e de continente. Quis conti-

nuar estudos na escola sobranceira da fétida baía de Luanda, depressa lá fiquei enquanto professor; e, na vivenda onde habitávamos, de novo optámos por recolher um gatinho.

Este miava, e andava com a cauda sempre em pé. Por esta razão o seu nome era Spitfire.

Um tiro esperso de morteiro destruiu o casarão. Jamais soubemos as cores do exército de que vinha; tão pouco conhecemos o destino do nosso felino aviador.

Foi então que jurei - e cumpri, como sempre - que não seria eu mais dono de gato algum. Poucos meses mais tarde, envergava o uniforme verde-oliva, o das tropas de um partido que então se dizia do trabalho. O idioma de origem - o castelhano - não incomodava, era comum ao dos soldados de Fidel. Aí aprendi, assim, a mecânica das armas de repetição, e culminei com as divisas de tenente, um nome de guerra e a especialidade de blindados. Entre duas campanhas, nesse espaço de quase um ano que passei no Lobito, quando me aprestava a tomar um prego com uma caneca, naquela sombria esplanada, deparei com um estranho passeante, um esquelético pastor alemão. Fiquei com a cerveja, e dei-lhe o bife.

Anos a fio, só conhecera cães que me ladravam, ou então lambiam, atitudes por igual desagradáveis. Com este, troquei um longo olhar. Depois seguiu-me. Em casa observei que era uma cadela e que estava prenha. Juntos bebemos leite com chocolate (ainda havia algum).

Recordei, dessa intranquila juventude madrileña, um programa na rádio do outro lado da fronteira. Era o *Em Órbita*, que por entre os trechos clássicos, lançava aquelas frases que desafiam a imaginação e os sentidos. Neles contavam uma história de animais que, pela noite, entre urros breves e longos uivos, se devoravam mutuamente na carne e no sangue. A cena é comentada por uma mãe, sentenciosa:

“Estes cães são como tu, meu filho; eles têm fome e sede de infinito”.

Lembrei ainda, enquanto juntos sorvíamos a última lata, dessa época de 60 em que fazíamos gala de ler a *Planète*²¹, e uma história que, por lapso de memória, já de então, ficará anónima (assim como o seu autor). Tratava-se de um cientista. Este havia sintetizado a composição da pílula do Tao, uma droga antiga que ensinou a Lao-Tseu a sua via. O relator ia anotando como o sábio descrevia a sua viagem interior - pelos caminhos do bem, em espirais e curvas harmoniosas, opostamente aos do mal, cujo trajecto consistia de ângulos alucinantes²². As frases finais desse episódio ainda ecoaram – “eles sentem o meu cheiro e perseguem-me, os cães - os cães de Tíndalos”.

Duas outras cenas concluem a história - o cientista que procede à estucagem e arredondamento das arestas, para que os cães não emirjam pelos ângulos; e o, já não sei se tremor de terra, ou tempestade, com o estuque caído, os ângulos retomados, os papéis em desordem, os restos do sábio transformados numa massa informe, e um cheiro que não é deste mundo.

Assim, ali sentado de pernas cruzadas, ainda e sempre sem gostar de cães, quis dar a esta cadela que adoptara um destino feliz, e nome com pergaminhos de nobreza. Como estava suja, de poeira e de insectos, baptizei-a como João Baptista o fazia no Jordão: dei-lhe um banho de imersão e em voz alta chamei-lhe Tíndalos, um nome de ressonância grega, que nenhum de nós sabia o que significava (há dias, ao consultar o dicionário de mitologia helénica, constatei que não figura lá...).

21 e o privilégio que tínhamos de fazer em francês...

22 que por vezes julgo surpreender na geometria fractal.

Eram anos violentos. A terra avermelhada de Angola corava-se com mais sangue, e por toda a África se apresentavam a peste, a fome e a guerra. Dedicava-me eu a esta última, e para lá não quis levar a minha cadelinha, a qual, dentro de poucas semanas, se preparava para ser mãe. Na zona do Luena, ferido numa perna, convalesci valorosamente num hospital de campanha (recordo os mosquitos, nos dias iguais às noites). Não respondiam os correios (será que as minhas cartas partiam e chegavam algum dia?), e do que se passou só vim a saber por um vizinho.

Porque quero recordar isto hoje? Ontem encontro um sargento que se batia do outro lado.

Creio ter dizimado sem piedade parte da sua companhia, e guardo na omoplata destroçada fragmentos da bala lançada por um deles. Bebemos até bem depois da meia noite; as histórias que contámos eram cheias de animais, e do prazer das caçadas: leões, mulheres e rinocerontes. Ao falar da cadela, ambos chorámos. Se nos voltarmos a cruzar em terreno de combate, cada um pelo seu movimento, aquele de nós que matar o outro chorará também.

Dona Josefa ainda tentou, nesses dias de fome, cuidar dos seus animaizinhos. E as cobaias, os periquitos e a tartaruga não sobreviveram, nem sequer aproveitaram para fugir, ao abrir-lhes a porta da gaiola...

Só ficou Tií, na casa ao lado (a minha), para conforto de quem eu mantivera o aluguer.

Todos os dias lhe dava uma pitada de carne e um pouco de arroz.

Nasceram sete gatinhos. Josefa baptizou-os com o nome dos santos da sua devoção. Leite não havia, de arroz não gostavam, por vezes Tíndalos davalhes um escasso mamar.

Logo morreu um, o Virgolino, Tíndalos comeu-o, e não conseguiu aleitar.

Há mais de um mês que não chegava o barco de arroz. Josefa já não tinha, e pôs-se a pão e água.

No dia seguinte, a mãe comeu Sebastião. Ao outro dia, foi Bernardino. Os cãezinhos, mamavam um pouco, depois gemiam, por fim eram engolidos de um trago.

A cada um dos filhos que desapareciam, Tíndalos põe no seu lugar uma pedra, ou um tijolo. Venâncio foi o último.

Nesse dia chegou o barco com provisões, prontamente descarregado na estiva.

Tíndalos, no jardim ressequido, como um Stonehenge em miniatura rodeado de sete pedras, não voltou a aceitar o prato de arroz nem o atum de conserva, que Zefa lhe dava. Rosnava sempre ao vê-la.

Durante 3 dias e 3 noites, sem dormir, sem se levantar, uivou em forma de choro.

Uivou até morrer.

Bala Flamejante

A história que vou contar parecerá hoje impossível. Passa-se num país onde as armas jamais se calarão. Decorre antes da independência dessa pátria, num momento em que um punhado de colonos não sabiam onde apostar as suas vidas, em que os movimentos politico-militares emergiam da selva com poderes novos, quando o vasto povo suburbano não escolhera ainda entre situar-se na contradição de classes, no ódio de raças, ou na bonomia da mestiçagem crioula.

A quem não tinha então volvido, não ocorria a suspeita dos flagelos e das epidemias: tão pouco se adivinhavam intrépidos exércitos mercenários; e nem o mais lúcido dos protagonistas previa as deportações. A produção não houvera sequer começado a cair, apesar da *soi-disant* sabotagem económica. Eram 3 as vozes que se faziam ouvir, e que

apontavam, a dedos diferentes, o sentido da independência da nação que se adivinhava.

Era a época e o lugar para um jovem desgarrado, impoluto e idealista, forjar e perder o seu destino. Foi esta a sorte dum amigo do autor, dum pequeno europeu estudioso e faminto de aventura. Será por vergonha, ou por pudor, que deixei por tanto tempo este caso silenciado? As palavras serão poucas. Iam encontrar-se às oito da manhã de sábado para um fim de semana programado com piquenique, numa ilha dos trópicos, adjacente. Um grupo homogéneo. Rendez-vous numa vivenda, e à beira desta um bairro de lata. Os morteiros haviam-no arrasado, na noite de antevéspera, e lá foram com as crianças, a ver os seus estragos. À volta, chegaram acompanhados. Três graduados do exército, um de cada partido, exigiam vistoriar a habitação.

Apareceu então Célán, o anfitrião. Vinha descontraído. Tinha numa pasta uma metralhadora desmontável, e os militares levaram-no, desde logo, num jipe. Um deles, enrolava e desenrolava o cinto, em gloriosas espirais.

Telefonou-se em seguida para as tropas coloniais, que teimavam em não vir. As crianças foram tragadas pelo próximo convidado.

E contaram-se coisas. Diz-se que ficou um à porta de casa, a evitar que lhe roubassem as pratas. Ouviam-se acusações como “dão-nos água de dia e tiros à noite”. Discutiu, internou-se no bairro operário, foi agredido e desmaiou. Ao acordar, um soldado afastava-se com os seus óculos, e uma velha senhora perguntava-lhe se na Europa distante ainda tinha uma mãe²³.

23 Lanza del Vasto, febril e prostrado na fronteira do Tibete, teve de responder à mesma questão.

Não foi mais acolhedora a sorte do seu anfitrião. No jipe a céu aberto, ameaçaram degolá-lo. E fugiu a bom correr até ao quartel desse exército em debandada, a quem pediu a altos gritos o abrigo e a mercê duma prisão.

Mas nenhum deles é o protagonista, quem conta é o homem do jipe, aquele oficial vindo da selva e grande caçador. Firmemente acreditou que a paz tinha chegado, e confraternizou com os camaradas de armas de outras tribos. Beberam e fumaram. Um deles sugeriu “vamos apanhar um bandido” e assim o fizeram, a começar o fim de semana. Depois jogariam futebol entre partidos, comeriam churrasco, dançariam na praia. Ele entretanto, dava voltas com o cinturão, enrolando-o e desenrolando-o em espirais de Arquimedes.

Numa emboscada, mereceu o seu nome, ao salvar o pelotão, com uma salva de tiros certos. O seu comandante, Monstro Imortal, deu-lhe então os galões e patente de capitão, e apelidou-o Bala Flamejante.

Escapou o prisioneiro, e o futebol foi adiado. Cada um fez seu relato na base mais próxima.

Bala chegou cabisbaixo. Não compreendeu os maus tratos do sargento. Ninguém lhe explicou porque foi fechado, sem luz nem água. Riram-se quando lhes falou de churrasco e futebol.

Enfim, ao pôr do Sol, três homens fardados invocaram o seu nome. Olhou-os de frente em desafio. Mandaram-no calar, em nome do Presidente, acusando-o de traição. O bandido era um comandante na clandestinidade. Tentou protestar como o haviam enganado, com cerveja e suruma. Pela manhã, uma bala na nuca, que não flamejava, deixou-o sem vida. Jaz na vala comum, sem nome nem cruz.

Nul n'est prophète en son pays

Farto do descrédito e do mau ambiente, de dívidas e dúvidas, maus amigos, e falsos testemunhos, por várias vezes decidi emigrar. Ensinei em Guadalupe e na Martinica, e preparava-me para o fazer no Haiti, quando o advento de Aristide aurnentou a valia do cadáver estrangeiro, e levou-me a recolher a penates.

Nessas peregrinações atlânticas convivi com recifes de corais e escombros de galeões. Evitei, com respeitosa distância, a dentição dos esqualos. Entre dois mergulhos, tentava merecer o meu salário ensinando, em várias línguas, a ciência de Euclides.

Nesse fim da tarde, esperava o chefe e este tardou. O Sol não se havia posto, nem as parcas luzes da cidade ribeirinha se acendiam. Foi nesta penumbra que Gerbet, um aluno residente na povoação mais longínqua da Pointe-à-Pitre, me reconheceu e convidou a tomar algo de fresco. Os climas tro-

picais e a natureza convidam ao rum. No entanto, já dentro do Fleur de Lys, foi com whisky que optámos por celebrar.

O desejo de reencontrar a família no Benelux e aí estudar foi o tema de conversa; a inexistência de condições no Luxemburgo²⁴, era compensada pela facilidade de deslocação na Europa (finalmente livre de fronteiras). E falei-lhe de Trier (Trêves), onde ensinaram Karl Marx e Frágoso Hernandez; da U.L.B. e da Católica da Lovaina, não tendo então percebido o seu cepticismo.

Finalmente apresentou-me Mme Tilly, a patroa do estabelecimento onde já por vezes comera. Foi então que mencionaram (ela, como sendo seu irmão), o nome de um meu patrício, Alcídez, grande orador, que viera discursar a sua Assembleia.

Imaginei qual a figura de político, de nacionalidade mista, que fora recebido no Parlamento desta jovem democracia. O desengano veio na sequência da conversa. Tratava-se de seguidores de Watch Tower, e o meu compatriota, de um pregador...

Ao fim pagámos a conta.

Gerbet mencionou então, com igual formalismo, que eu era seu Professor (o que então correspondia à verdade).

Fazia já noite. Bruxuleavam candeias. Estávamos os três ao balcão, de pé. Andrajoso eu, como é normal entre os despojos de europeus, que arribam nas Antilhas os dentes cariados, o rosto deformado²⁵ do álcool e da sífilis, Gerbet, de fino bigode, como os ilhéus, e Mme Tilly, de vestido às flores, bem vincado. Trocávamos notas por moedas. A senhora encarou-me com surpresa. E disse então: “Conhecia-o já,

24 Apesar do excelente trabalho de Renée Pfeifer-Reuter sobre Veronese (*vide* Salanskis, ed. - Labyrinthes du continu, Springer, 1993).

25 “ravagé”

de vista, mas não imaginava que fosse professor. E decerto um homem simples, da t mpera do nosso Ap stolo Paulo, que sempre soube passar despercebido entre os gent licos. Romano entre os romanos, g lata entre os g latas!”

Paramaribo

Como todos os destroços das grandes nações que buscam destino nos trópicos, era fácil distingui-lo por uma tara ou vício (outros chamarar-lhe-iam sinal de Caim). De tenra idade, numa queda, quebrara o fêmur esquerdo. desde aí chamavam-no Cochin²⁶, alcunha que se revelou profética, ao fazê-lo viajar até ao Kerala, onde sem sucesso remou nas vastas pirogas, e com fé orou nos templos do rito malabar.

O arrastar da perna trouxe consequências, a isenção da tropa e a impossibilidade de dançar, que se transformou em repulsa pela música, e sofrida claustrofobia em relação às salas de baile.

26 mais coxo ainda estava então, devido a um ataque de gota no outro pé

Guilhermo de Herrera nada queria saber desses temores. De dia palmilhavam de jipe as fartas plantações; De noite, fê-lo ver, a contragosto, a melhor danceteria dos trópicos, chamada “Je t’aime”.

Julgou o nosso herói ter a oportunidade de não entrar, quando o porteiro lhe recusava o acesso já pago, visto estar de sandálias. Guillermo não lho permitiu, “Nosso Senhor Jesus Cristo, também andava de alpargatas”, disse.

Deixou-lhe os seus sapatos e partiu. Felizmente a sala estava cheia de rostos conhecidos, e os decibéis não excediam um concerto de música de câmara. Foi fácil convencê-los a ir para fora, onde também se dançava. Um episódio grotesco, quando a porta se abriu e aplanou um de nós contra a parede: era Cesária, a mais velha das prostitutas, pesada e garidamente vestida²⁷, que entoava hinos e chefiava a dança.

As mulheres mascavam chiclet e bailavam com harmonia junto aos mesmos marinheiros que depois rejeitavam, soberanas.

Lá estavam Paulín Fuertes, ainda doente; Bettini, estrangeiro entre os estrangeirados; Minerva, Joseph Maryam, e quantos outros, que nem suspeitavam do seu gosto em estar alí - Cochín, aquele que fazia gala de não dançar.

Sentiu pois que lhes devia justificar-se. Do bolso tirou um último Havano. Acendeu-o e proclamou numa sentença: “Rste é o mundo Marlboro!”

27 Alguém a comparou a uma atriz do inesquecível Fellini.

Flowers for Algernon

As noites de Moroni são frias e ventosas, e quando se levanta o sol o dia começa para os estudantes de Matemática da Escola Normal Superior. A primeira aula é às 7; às 8, chega o pessoal administrativo. As classes terminam pelo meio dia, e às 13 ei-los, que pelos dois liceus da cidade, ensinam até ao Sol poente, a alunos mais jovens, de 3 anos ou 4, expostos a sessões de exercícios e problemas.

As últimas estações na Escola Normal só lhes tinham trazido os professores da casa, já que o último cooperante voltara para França. Faltava-lhes, entretanto, uma cadeira: chamavam a esta, familiarmente, Equadiff²⁸. Atrasado sobre o início do mês, apressado como sempre, um novo professor aterrava recém-vindo da Europa.

28 que estudavam pela 3ª edição – hoje desactualizada – da obra de Martin Braun.

O curso era intensivo e foi intenso.

Estranho sujeito, tristes matérias. Que temos nós a ver com a guerra do Golfo, e os modelos de investimento em material militar? Qual a razão de, com estes conflitos, as pescas diminuírem e a população de tubarões aumentar - isso passa-se no Mediterrâneo, aqui no Índico as reservas do feroz peixe são inesgotáveis e infinitas - ou porquê estudar o crescimento da população do continente Africano, nós que estamos numa Ilha? E porque falar de caos em meteorologia, aqui onde chove à datas sempre certas? Que equações são essas, que não nos levam a exercícios que possamos resolver no quadro? E que reforma esperamos do ensino, enquanto o sol brilha?

As aulas decorrem sonolentas: as dúvidas incidem sobre questões caligráficas. Os oito estudantes simulam, na véspera, o exame.

Em 3 horas, um deles não mais faz que 3 linhas. À data e hora do exame não estava lá.

Abd-er-Rahman Algernon tinha no nome e na côr os mais claros vestígios do sangue de duas raças. Os seus traços, esculpidos a bisel, tintos de azeitona seriam os de um índio; a sua expressão lembrava o Spock de “Guerra das Estrelas”. Foi um péssimo aluno, tendo ao 3º ano, penderes metade das disciplinas dos 2 primeiros. A voz saía-lhe como um fio inaudível, nas aulas que dava²⁹ como nas que recebia.

Não veio pois a ser examinado, e o efêmero professor, entre outras azáfamas, das notas e do avião, procura-o entre o cinema e o mercado da pequena capital.

Não o encontrou: foi encontrado, e Algernon vinha com questões.

29 pois, como todos os colegas, era Professor em *part-time*.

Falham-me aqui as palavras, e a voz perde o seu som. Para descrever um abismo, Pascal utilizou uma metáfora do homem como sendo um “roseau pensant”.

Exprimiui assim melhor o conceito de infinito³⁰; Borges, para o mesmo efeito, teve que recorrer a um ponto visível (o Aleph), e à morte de Beatriz Viterbo. Certa enciclopédia chinesa, e um soba que Burton visitou, enumeraram o mundo como uma seriação de listagens. Penso que a linguagem corrente nada mais faz que camuflar este facto (sem refutar a tese nominalista).

Aliás, o significado mais profundo do teorema de Chaitin (impossibilidade, para quase todos os conjuntos infinitos de serem resumidos numa regra - de se passar da extensão à compreensão) ilustra o fosso que aí se abriu, de incompreensibilidade, de incomunicação, expressão de qualquer forma de inteligência alheia, ou do seu contrário.

Ficou a imagem de um pássaro numa gaiola, numa ilha pejudada de termos e de símbolos desprovidos de sentido. Como nunca antes, senti a incredulidade da ciência de Arquimedes.

Algernon procurava ser professor de Matemática porque se interessava pelo mundo cósmico.

Interrogava-me então sobre as viagens no tempo. Falei-lhe da Relatividade. Referiu o paradoxo dos gémeos – refutei-o para depois mostrar como as partículas aceleradas duram mais tempo. Contou-me um filme - Final Countdown - em que um porta-aviões é tragado por um buraco negro. Também eu o tinha visto, e coube-me explicar que se tratava de ficção. Ele não sabia.

E continuámos. A Atlântida de que fala Platão, as silenciosas estátuas da Ilha de Páscoa, a possibilidade de vida interplanetária. O céu, entrementes, lacrimjava.

30 e as suas viagens

E Algernon confidenciou quanto lhe custava viver e estudar nos Comores (que nós outros consideramos paradisíacos), já que lá nunca aterraram discos voadores, como nas extensões continentais do velho e do novo mundo.

Até numa república islâmica rigorosa há hotéis que vendem álcool pela noite adiante. A lua cheia iluminava o Índico. As acácias rubras voavam pelos ares, ao sabor das rajadas de vento. Chovia agora fortemente.

Paolyne presidia ao Conselho Científico do estabelecimento, e também era parisiense, de formação em Dijon. Acabámos por beber, como sempre, e nem tão alto responsável, ele nem quem escreve estas linhas imaginava que cadeira ou que programa seriam capazes de satisfazer os anseios de Algernon, que nunca será um geómetra!

A noite e o vento não foram bons conselheiros, e o avião levantou voo mais cedo que o horário.

Passaram-se os anos parisienses; buzinas de carro e prédios sobreaquecidos; esquecidas as vozes, perdidas as figuras, sobejam as palavras.

O que fica? Várias questões em aberto, e uma grande perplexidade.

Tegucigalpa

I — Todos os que hajam estudado em países de língua hispânica recordarão o saudoso Professor Fermín Menendez de Alfonseca, discípulo de Ortega, aquele que polemizou com Unamuno, e jamais renegou a amizade de Marañón.

O destino, tantas vezes inclemente ou parcial, soube desta feita submeter-nos a um desafio equivalente: a ele, de ser meu pai; a mim, de ser seu filho.

II — Hospedado em Huáutla de San Cristobal, na solarenga mansão da família Alfiero, aí dedicávamos os lazeres nocturnos ao xadrez, ao amor, ao tango e às milongas.

Nos escassos dias, ocupávamo-nos da assistência social aos Índios Miskitos, que jamais se integrarão na revolução sandinista. Faziam-se já sentir as consequências do embargo. Era natural - e verdadeiro - que nos tomassem por oposição.

No futebol, no mercado, nas vielas nocturnas, ressoavam murmúrios de desaprovação. Por prudência, estávamos armados. O epíteto de “contras” seguia os nossos passos.

III — O despojo físico e moral dos teólogos da libertação assumiu, na nossa geração, aspectos fascinantes. Era eu então católico fervoroso. E foi engravatado e com esperança, que parti para o aeroporto, a receber Ernesto Cardenal, em visita de inspecção por estas terras inóspitas.

Chegou numa minúscula avioneta, aterrando na pista vermelha e poeirenta. Não me foi dado falar-lhe: o major Caña Martinez, enviado especial de Tomás Borge, havia recebido uma denúncia. Que ia assassinar o ministro. Que tinha ligação aos tupamaros, aos mormons, à CIA e ao cartel de Medellin.

Meteram-me num jipe. Fui vaiado pelas aldeias vizinhas. Um militar esbofeteava-me: — “este é o rosto dum assassino!”

Outro soldado desbastou-me a então pujante barba, um terceiro procurou - sem encontrar - uma navalha para me rapar as sobrancelhas.

Borges cita um cárcere em Bikanir, Hugo Pratt desenhou outro em Samarcada. Os anfitriões dessa manhã levaram-me para um cenário do mesmo tipo.

Nessa enxovia húmida, na vila de Peralta - vizinha e rival de Huáutla - Caña y Martinez começou o interrogatório. Seja-lhe feita honra: incutiu o terror, sem recorrer a violência.

O tema é sempre o mesmo - queriam que denunciasse o paradeiro de Eden Pastora, então líder dos contras. Todos sabiam que nos encontráramos na Europa, numa reunião do Tribunal Russell, sob os auspícios de Panikkar.

Foi inútil dizer-lhe o que pensava deste peralvilho seminarista e marialva, então senhor da guerra. Tinha que haver

um bode expiatório, eu havia de ser o culpado, e o fuzilamento sumário era a moeda corrente.

Ao fim da tarde, o rigor abrandou. Deram-me um copo de rum, e a mercê de um jogo de xadrez, que vergonhosamente perdi.

Depois, sem explicação, fui posto em liberdade, não sem uma ameaça: “A Frente Sandinista está alerta 24 horas por dia!”

IV - Cardenal jantou, no Grande Hotel del Sur, na borda da piscina. As autoridades escolares de Peralta e de San Cristobal estavam descontraídas. Não havia militares próximos.

Não falei ainda da figura do então ministro, cujos poemas³¹ por vezes releio. A figura e as vestes tinham a majestade de Lanza del Vasto, embora fosse mais pequeno. A expressão do rosto, no entanto, traía-o: era crispada, como a de Ivan Illich.

Serenamente, perguntou a um outro padre (Hernán de Soto): “quem é este jovem sociólogo de Espanha, que confraterniza com os Miskitos?”

De Soto, que jamais compreendeu as minhas opções, mas era um amigo, foi sucinto: “É o filho do professor Menendez de Alfonseca”.

Um telefonema para Manágua, a confirmação de Tomás Borge, e um jipe com estafeta para o cárcere foram suficientes e fizeram-me sair.

A reacção de Ernesto Cardenal fora imediata. “Fui aluno do pal dele! É muito bom homem. Libertem o rapaz!”

31 o Cântico Qu_ antigo, que recomecei a ler na Birmânia para acabar em Mindanao.

V - Voltei a casa dos Alfiero, gabando-me de mais uma aventura. Decidimos enterrar as armas, e regá-las no quintal nos dias de Sol a pique para que não explodissem.

Abrimos a terra com enxada ao princípio da noite. A um conhecido que passou, contámos que íamos plantar batatas...

Três meses mais tarde, uma granada explodiu. Um índio ficou ferido. Não quis voltar a receber a hospitalidade da frente sandinista e os carinhos da milícia de Borge. Manágua já estava destruída pelo sismo e não era local para esconderijos.

Lembrei-me da arquitectura maia e da impenetrável floresta, que só conhecia de ouvir dizer. Antevi os rostos fanchudos dos lacandones, procurei - sem encontrar - o Popol Vuh.

Armado da mochila e do bordão, parti na direcção das montanhas mais altivas.

Fugi para Tegucigalpa.

Índia

Chamamento

O som dum nome próprio é tão mutável como a chave, ou o endereço, de uma casa. Quase todos nós somos como os povos sedentários, que fazem do seu apelido lugar para toda a vida; palavras que são, como as mansões, transmitidas, com o sangue, por herança.

Apenas uns poucos, geralmente réprobos, fazem com o nome o mesmo que os povos da diáspora e da deportação. Ocultam o passado sob um nome que faz esquecer memórias, e que é como nascer nalguma casa, para findar os dias noutra morada.

Reconheço a minha sorte na daqueles viajantes que sempre voltam a partir - na dos pedintes que mendigam de porta em porta ou de mão em mão, na das aves que se despedem e não voltam, ou no mais prosaico destino daqueles campistas jovens (como fui) que a intervalos esparsos, escolhem numa sombra remota o lugar da sua tenda.

Não é que não haja nascido num berço de ouro, vocacionado para a obrigação de me ilustrar. A estirpe dos Dietrich zur Linde transporta nos seus genes a brumosa tradição báltica da nobreza lituana, e a ferosidade da cavalaria da Prússia. Conservamos com emoção o retrato em madeira do antepassado teutónico que sitiou Torún, nos dias de Copérnico.

Em cada uma das guerras se ilustraram ancestrais nossos em cota de malha, sobre corcéis ajaezados e rutilantes, zurzindo a espada ou a lança, e nem sempre do mesmo lado. Nas longas veladas de armas, ou em trincheiras, entoaram bravios cânticos, com os seus bigodes revirados e olhar glacial, enquanto as mulheres teciam nas alcovas, e guardavam castidade. Não existe memória, na nossa prolongada árvore genealógica, da entrada dum gota de outro tipo de sangue que não o mais puro ariano.

Estes séculos de solidão gelada e alguma tara propagada pela endogamia, tiveram ressonância em mim e fizeram-me frágil e timorato, porventura introspectivo. Nasci míope e cedo fiquei calvo. O consumo, ainda que comedido, de café, tabaco e álcool, cedo trouxeram o seu rol de alergias, desde as manchas na pele até á breve e insuportável surdez, e à quase cegueira, que parcialmente venci.

Passei a infância a ler Karl May, e na juventude descobri Spengler - e a nobre prosa do conde de Keyserling. Não admirará a ninguém que haja trocado os corcéis dos meus maiores, a caça, as armas e a música, pela modéstia (um pouco falsa) dum consultório de fisioterapia, no meio da floresta de Wolfach.

Os gostos desse tempo propiciavam os sonhos e aventuras no Oriente; a silenciosa tranquilidade das noites da Floresta Negra inclinou-me à continuada prática dos asanas do yoga hindu.

Num avião da Lufthansa atravessei dois continentes.

Assim, maugrado um solitário trânsito por uma Varanasi onde não reconheci senão ecos da cidade de Keyserling, e sem sucesso tentei dedilhar Vina, tomei caminho enquanto iniciava a leitura dos Vedas, revistos por Panikkar³².

Um velho silencioso, na outra margem, coberto de cinzas, deu-me o exemplo. Ao imitá-lo, a uma distância respeitosa, não fiz mais que juntar algumas das posições de Samkhya. De manhã até à noite, sob um banian túmido e sóbrio, respeitávamos o silêncio.

À noite, era tempo de ablução. Ao trocar impressões com um discípulo que em vez de Hindú me abordou em sanscrito, idioma mais próximo do germânico, percebi que, na vizinhança, me designavam por Kalidasa.

Acabadas as férias, dediquei-me, a tempo inteiro ao corpo humano. De dia era o Dr. Heinz-Otto, especialista em fisioterapia de recuperação de musculaturas injuriadas. À noite, no sótão sombrio, era Swami Kalidasa, e praticava as técnicas do Samkhya, na presença de um escolhido grupo de amigos íntimos, que hoje o já não serão.

Aí conheci Greta; conhecemo-nos como no Antigo Testamento, e desse breve amor nasceu Werner, o filho que nos acompanhou quando voltámos à Ásia.

Até Goa tudo estava bem; na primeira grande cidade separamo-nos facilmente. Eles seguiram por Berlim, então ainda desunido.

Decidi percorrer os ashrams, em busca de férias e repouso.

Quem viu uma mulher conhece-as a todas. Entre Greta e mim ficou o comum acordo de uma pensão alimentar, e o estóico dever de trabalhar com mais afinco. E, para com

32 que intervala com a dos sofridos poemas de David Jerusalem.

Werner (a quem sempre escrevo no Natal e aniversário), a dúvida de se ele virá a ser um amigo, ou um rival.

Ao primeiro ashram apresento-me, digo que sou Kalidasa, mostro que me trato de um swami, e caio³³ entre o ridículo e o esquecimento. No segundo templo (tratava-se de magos o de saddhus), o ambiente era caloroso e a vibração profundíssima. Fumava-se, no entanto, demasiado, e o cheiro do bhang é-me nauseabundo. Não quero falar do terceiro lugar, onde parei, que nem lembrar vale a pena.

Ao passar num templo sikh, de túnica deslavada e suja, na venda luxuriante de imagens de Gurudwaras, entre deuses hindus, mostram-me as duas fotos de Sai Baba, nas duas encarnações deste século. Nem a este, nem a outros ídolos ou efígies entreguei nenhuma rúpia: não gosto de tais símbolos, e desdenhei saber detalhes.

Por fim, encontro um sítio. Não estava lá o seu Guru, uma mulher, de nome Sri Sri Mã Matharahaji. Dão-me um leito, cedo adormeço no saco cama.

À noite desperto com dois olhos parecidos a faróis. Era Sri Mã. Vou a prostrar-me a seus pés, e interrompo, a tempo, o movimento, percebendo que estou nu dentro do saco...

Ela acaricia-me a cabeça, dizendo “Shiva, Shiva”...

Essas semanas foram bem agradáveis. Por vezes estive de faxina. Mas o mais normal era ela partir de madrugada a abençoar uma aldeia, ou a visitar um hospital. Foi sempre no último minuto que por mim chamou. Eram longas marchas, ou tiradas de automóvel. O yoga era pouco, as refeições abundantes, saborosas de picante. Chamava-me Shiva-Ji, e por esse nome há ainda quem me conheça, quando recebo cartas de Madurai ou Bangalore. E creio ter afinado a intui-

33 como outrora aconteceu a um poeta que se apresentou como militar...

ção (ou seriam as fases da Lua?) de quando Sri Mã queria sair. Um dia, mais esperto do que dantes, adivinhei que Sri Mã ia de partida, e julguei saber para onde. Guardei então comigo a escova de dentes, para me levantar mais lesto. Mas não soube acordar nessa madrugada, e nenhum discípulo parou para chamar por mim Penei em silêncio uma semana de espera, sem conseguir sofrer nem compreender.

Sri Mã voltou e continuámos como dantes. Vencia então a extremo limite da passagem aérea, e mais não quis endividar-me. Despedimo-nos com amizade e amor.

Passaram mais dois anos, em que não voltei a pisar o pó da Índia. Ganhava afanosamente o meu sustento e o de Werner. Sentia-me explorado, e Kalidasa já não ensinava. Na caixa postal acumulavam-se cartas para Shiva-Ji e este não respondia, enquanto Heiz-Otto (já sem paciência para o pomposo Doktor) cuidava mais de si e da saúde - olhos e ouvidos falhavam incomodamente. Foi por essa altura que fumei um último e nauseabundo cigarro, e que vomitei logo após uma chávena de café.

Estava então em Zurich Swami Ramdas, que defendia uma posição ecuménica. Urs von Balthazar foi um dos primeiros a responder à chamada. Programei as férias para ir ao seu ensinamento. Antes de mim e por lá passaram Timothy Leary, Castañeda, Parodi e Mario Markus.

O ensinamento era caro, grande a erudição, a comida austera. Recordo uma escapadela sorrateira, em que fui comer uma fondue de queijo.

Na outra mesa vislumbrei alguém, que julguei reconhecer como discípula de Ramdâs. Era Ulrike.

Em toda a minha vida, foi o caso único de um amor correspondido e casto.

Não a consumámos. Tardávamo-nos no olhar, nas palavras e nos gestos. Ocorria-nos fugir juntos, e juntos optámos

por continuar mais uma semana, sofrendo as lições e as austeridades.

Ao último dia, desenganámo-nos de projectos. O seu carácter era forte e íntegro; tinha-se vinculado a promessa de um ano de celibato. Por tudo isso ainda mais a amei, e foram razões de acréscimo para que desprezasse Sai Baba, o guru a quem ela dedicava essa promessa (e eu achava-o parecido com Engelbert Humperdinck...).

Ao despedirmo-nos, deu-me uma cassette, o primeiro volume de cantares desse mestre remoto, Sai Baba Darshan, vol. I.

Na fronteira nevada, num desses duty-frees, comprei um gravador portátil, e, subindo o Reno de comboio - fazia então uma nesga de sol - fundi em lágrimas a primeira frase da canção: "Love is my form, truth is my bliss".

Desde aí não voltei a duvidar do meu destino, e as coisas têm-se acomodado. Seis meses de trabalho, em horas extraordinárias, habilitaram-me a uma pequena poupança, e a um outro meio ano de licença.

Naquele momento percebi, com a inegável certeza das primeiras evidências, que o meu amor por Ulrike foi concebido pelo guru, e por este transformado (a impossibilidade de se consumir) num toque de chamamento.

Volto a Bombay e parto para o Ashram, no primeiro comboio. Angustiado me sento na fila dos peregrinos. Sai Baba passa e reconhece-me. E chama pelo meu nome, que uso desde esse dia em que a monção nos fustigava - Vishewara.

Acho que não virei a falar do que se passou nessa jornada. Quando Ana-garika Govinda, que metodicamente calcorreava o Tibete, desenhando com o seu punho os Tankas dos templos mais recônditos, mencionou os seus encontros com o Guru, em duas encarnações sucessivas, é pudicamente que evita mencionar o acto da iniciação espiritual nas belas pá-

ginas da sua obra. Não é porque faltem as palavras, aliás elas brotam, para o descrever e comentar; a razão é outra e mais profunda. O sexo e a morte, a paternidade, a honra, o crime e o segredo, ou o mistério são domínios da seriedade, e foram celebrados por poetas, juristas e filósofos. São, de algum modo, experiências conhecidas, que trazem a comunhão com os humanos, ou o absoluto.

A iniciação é uma coisa mais privada, é íntima e melindrosa. Dela falar é destruí-la. Há um sentido interno, que o cristianismo encontrou para este interdito - a profanação da hóstia, acto aparentemente banal, relegado para o cerne dos pecados mortais.

Bastará que lembre como fiquei livre - livre de escolher o nome, um deus para cultuar, a forma de melhor praticar yoga, o regime de alimentação e a direcção dos meus passos. Livre de voltar aos meandros do Ganges (penso vir a fazê-lo), de retornar à companhia de Sri Mã (prefiro recordá-la distante, com uma espécie de saudade) ou a de Sai Baba - a essa, trago-o dentro de mim, concentro-me num só ponto, pergunto e ouço a resposta, com o seu timbre de voz, dicção e clareza retórica.

Livre, ainda, de esperar ou não pelo fim do prazo e início do amor de Ulrike. Livre de escolher o continente, a nação, o idioma, o clima.

Assim me despedi, dividindo em duas partes iguais as economias, que transporto num saco. Deixo metade na escola do ashram, é a parte mais importante.

Troco com o Guru um derradeiro olhar, murmuro *aufwiedersein*, e recolho uma mão-cheia de Vibhuti, as cinzas sagradas, que preciosamente guardo junto ao passaporte.

Os meus passos procuram desde então os caminhos que levam para cima. Em Gangtok, no Sikkim, sonho, mas não consigo, entrevcr o chapéu negro das *daikinis* que o Kar-

mapa usa desde há séculos. Dele me separam um muro, um guarda silencioso, e a sua própria invisibilidade.

Tem sido desconfortável viajar pelas monções; desgostei dos arredores de Katmandu, e preferi as guest-houses do centro, onde respeitosamente ofereci a um casal de latinos, o último livro que guardei de Sai Baba.

Agora, em Lhabrang, um lama faz-me oferenda de chá com tsampa. De novo me prostrei, com o redobrado vigor da idade crescente e da pouca fê.

Há poucos dias que tornei refúgio, e o nome de Tenzing Dorge. Fecho os olhos, e alumiam-se-me no espírito tanto as formas terríveis como as pacíficas dos 5 Budas. Outrora conheci o nirvana; aqui é do samadhi que se trata.

Posso então compará-los, mas para quê? Porquoi faire³⁴?

Na posta restante, jaz uma carta em nome de Dietrich zur Linde. Traz uma aritmética complicada, de dividas e modalidades de crédito.

Ulrike respondeu, e está de volta à Índia. Perdi o nome, mas mantenho o passaporte de Heinz-Otto, as cinzas de Vibhuti dedicadas a Vishewara, e o pergaminho identificando Tenzing Dorge em caracteres tibetanos - língua que prefiro ao Sânscrito, acho-a mais fácil.

Não há pressa no que sinto. Sei que sou livre desde que fui chamado. Se me quiser concentrar nesse ponto, Sai Baba emerge no meu íntimo, a dizer qual o próximo passo. Se em vez disso, me prosterno diante do relicário de Amithaba, é o dharma da sua vontade e de todos os Budas do passado e do futuro que se faz sentir.

Não é num, nem no outro, que procurarei resposta, quando defrontar o vento e me fizer ao caminho.

34 Em francês no original castelhano.

O Duelo dos Magos

I - A história que se segue é uma versão livre e simplificada do trágico destino de um credo, cuja apreciação científica é feita, de modo delimitativo no indispensável, “*History and doctrines of the Ajivikas – a vanished Indian Religion*”. de A. L. Basham, Motilal Banarsidass, Delhi/Varanasi/Patna 1991, reprint, pp.316, Rs 150.

II - Num tempo em que a noção de escola intelectual e de influência mútua é o guião de análise para os maiores autores, é importante verificar as excepções, onde aparentemente dois ou mais personagens se encontram, sem se verem nem entenderem, nem haver vestígios de uma obra de outro.

Poder-se-à recordar, por exemplo, como Stalin e o místico Gurdjieff se acotovelavam, como colegas num seminário em Kars; ou como, numa célula de Praga, Arthur Koestler e

Wilhelm Reich militaram no Partido Comunista³⁵; dir-se-á também que a mesma distância na proximidade terá valido, quando Aristóteles conversava com Platão...

São mais complexas as situações a 3 personagens, porque assimétricas. Borges recordava o juramento de juventude de 3 amigos, que prometeram favorecer-se sempre que fosse caso disso. Nizam ul-Malk, vizir e conquistador do Cáucaso, não o cumpriu quando Omar Khayam lhe pediu um rincão para dedicar-se à Matemática, ao vinho e à Poesia. E veio a ser morto por ordem do terceiro amigo, Hassan ben Sabbah, o Velho da Montanha, fundador dos assassinos.

Antes da nossa era, o Bihar já era - como hoje - a mais pobre das regiões da Índia, uma sociedade então rigorosamente controlada pela casta dos brâmanes nos termos estritos da religiosa ortodoxia védica.

Então como hoje, os ascetas errantes vagueavam pelos caminhos e pela floresta. Entre eles, 3 vão fundar novas religiões. E desentender-se pelos séculos adiante...

III - Não é recente a história destes homens, que viveram no mesmo país meio milénio antes de Caifás e de Pilatos.

De um deles, que nasceu mais a Norte e acabou por nunca travar razões com os outros, ficou a posição mais moderada - a via do meio - um título que lhe coube - "o silencioso" - Çakya Muni, e um deus, Buda, mais tarde subdividida numa hierarquia, iniciado por um primordial Samantabatra, culminando numa Maitreya que há-de vir.

A história é conhecida, e Campbell escreve que a narrativa é típica de heróis que se tornam deuses - o nascimento

35 A esta interrogação, anexaremos a relativa à influência das conversas de Ferenzi com von Neumann, sobre os computadores e a bomba atómica...

ecoa nos céus, é pai de família, e tudo abandona para atingir a iluminação sob uma árvore.

São os outros dois, também, figuras fundadoras que correspondem ao arquétipo de Campbell. Ambos eram ateus. Do mais esquecido, ficou o nome - Maskarin (ou Mahkali) Gosala; Ao outro, sobeja-lhe o título - Mahavira, o grande herói, que acresce a outro atributo, o do passador do rio ou Thirtankara, e isso virá a inspirar uma novela de Hesse.

IV - Ashoka, o imperador que pacificou a Índia (e se converteu ao budismo, entre cada duas batalhas³⁶), e que terá inventado a inquisição, dedicou a cada uma das tres fês menção nalguma estela, e são estes documentos de pedra que nos fazem recordar como uma religião já extinta, e outra que não ultrapassa os três milhões, puseram em causa a hegemonia bramânica nas sociedades hindus de outrora.

Há que lembrar como o homem asiático dos tempos védicos se define pela constante celebração, e que no mendigo, ladrão, pastor ou camponês de casta mais desgraçada se esconde geralmente um filósofo, potencialmente um santo, e seguramente a manifestação de um deus³⁷.

Nascem ambos em famílias de *kshatrias*. Os pais de um pregam a predestinação. Os de outro, a ascese e a salvação.

Ambos acreditam na transmigração das almas, e fazem cosmogonias³⁸ fabulosas: milhões de vezes vive um grão de

36 e entre duas conversões, abjurou mais que uma vez da sua fê, para poder fazer a guerra.

37 o mesmo mito que terá dado origem à celebrada hospitalidade grega.

38 as suas ilustrações vieram servir para um dos últimos livros de Borges.

terra, milhares um animal, apenas sete uma planta; os homens, consoante a sua proximidade da libertação, adquirem uma cor (e aqui, o mundo cromático é mais rico que aquele que o da trifuncionalidade descreve); os 7 graus, qual arco-íris, culminam no de Nirgrantha, ou libertado vivo - enquanto os monges de outra ordem não atingem mais que a cor adjacente.

Uma numeralogia transcendental diz-nos que, em cada instante, 108 almas que se libertam - 80 homens, 20 mulheres e 8 hermafroditas - e fixa também quanto o fazem em terra, água e ar. E a regra para quem pretende libertar-se - ou progredir na escala de encarnações - é o suicídio por inanição.

Ambos, Gosala e Mahavira, ascendem à chefia, temperam e repousam na disciplina e os cânones de Parçva³⁹, e dão quase simultânea origem à tradição dos Ajívikas, e à dos Jainas.

IV - Um dia, encontram-se ambos e tomam-se de razões.

Ambos iam nus, não se cobrindo de cinzas, e mendigavam pelos caminhos poeirentos e pelas florestas.

Defendiam o atomismo - no que eram condenados pelos budistas, que reificam o nada - e a não violência: jamais qualquer deles comeu carne, sequer bebeu leite, ou ainda pisou um simples insecto ou micróbio.

Cada qual tinha os seus discípulos, de alta e baixa casta, mais mulheres do que homens.

E decidiram juntar-se, ensinar em conjunto, mendigar e jejuar acompanhados, fundir as duas ordens.

Durante 6 anos assim fizeram.

39 asceta cuja disciplina, no plano sexual, era considerado relaxada. Reconhecido por ambas as confissões como o 23º thirtankara.

V - Ao fim desse tempo, Mahavira defendia a libertação pelas obras, Gosala⁴⁰ a predestinação.

A maior parte do tempo, disputava-se contra os budistas. Por exemplo, se um destes, inadvertidamente, deixasse cair uma pedra, e esta ferisse algum ser vivo, era desculpado - e a culpa só aparecia se a tivesse atirado intencionalmente, mesmo que falhasse. Se, porém, fosse um jaina, a culpa teria a ver com o resultado: o desastrado era punível, e o atirador inábil inocentado⁴¹. Se fosse um ajivika, sucesso no ataque e culpa, ou fracasso e perdão eram sinónimos - e ambos estão escritos, desde o início dos tempos.

Foi neste tipo de contexto que os 2 mestres interromperam as meditações e caminhadas, e separaram as suas Ordens.

Uma versão da lenda conta que não mais se encontraram. É mais interessante a outra narrativa que os faz, 12 anos mais tarde, cruzar-se de novo. Aqueles que jamais incomodaram um ser vivo levantam as vozes. Falaram simultaneamente, gesticulando na sua nudez, berrando até.

Sabe-se, na Índia, que o poder dos ascetas assusta os próprios deuses.

Maskarin havia praticado os “tapas” ao longo do fio dos anos. Iria surpreender o velho mestre com a potência da sua magia - o que, aliás, estava predestinado desde a eternidade (universos inteiros, para isso, tinham sido destruídos).

40 antecipando assim a polémica suscitada por Lutero.

41 esta jurisprudência terá antecipado um debate pós-moderno – o do crime cometido em ambiente de realidade virtual. Jung teria julgado esta problemática equivalente à dos crimes cometidos em sonho. Markus menciona, algures, que a solução destes dilemas se encontra na jurisdição, de tribunais sonhados. Outros anexariam que o problema ficará geralmente insolúvel, porque são mais os que sonham com crimes do que com juízes.

A força do poder tinha abandonado Mahavira. Já não sabia refrescar o mundo à sua volta⁴². Restava-lhe ainda dar uma lição ao seu querido e velho amigo.

Assumia a forma a sabedoria igual a do espelho⁴³. E reflectiu para trás, para Gosala, todo esse calor incandescente, antecipando a destruição do grande herege - que a partir daí adoeceu.

Mas tornemos ao que nos contam as saborosas páginas de Basham:

Gosala voltou à olaria de Halahala (uma mulher), a quem prestou reverência - o que Hoernle interpreta nurn sentido sexual, e Basham não, lavando-se na água lamacenta, bebendo espíritos, dançando, cantando, e segurando uma noz de manga.

Ayampula, um discípulo da primeira hora, corre a visitá-lo, com a questão “qual é a forma do *halla*?”

Maskarin responde enigmaticamente “este não é um caroço, mas uma pele de manga. A forma do *halla*? É como a raiz de bambu! Toca vina⁴⁴, velho amigo, toca vina!”

O comentador Abhayadeva diz que *halla* é um certo insecto, Basham⁴⁵ pensa que é uma antiga palavra cujo significado se perdeu, e que a questão de Ayarnpula poderia significar “qual é a dimensão da alma?”

42 Tinha-o feito, uma vez que o colérico Gosala procurou incendiar a aldeia donde for a expulso, compensando o fogo com ondas de frio que deixaram a temperatura da povoação inalterada.

43 isto é, a forma de um dos dhyani-budas.

44 Vina = guitarra indiana.

45 julgando insuficientemente importante a questão entomológica.

Naquilo a que Basham chama o seu delírio⁴⁶, formula os derradeiros ensinamentos:

a) as quatro bebidas - “a que sai de uma vaca”; “a que é suja por uma mão, como a água de um oleiro”; “aquela que o Sol aqueceu”; “a que cai de uma rocha”.

b) a doutrina dos quatro substitutos - “pegar numa game-la de metal ou cerâmica, como quem bebe a aliviar a febre”; “segurar uma manga na boca sem beber o sumo”; “guardar sementes na boca”; “a morte voluntária pela sede”.

c) as últimas finalidades, ou os últimos oito actos (que Abhayadeva explica como sendo quatro deles, formas de se escusar da conduta delirante; os três seguintes, sinais da qualidade cataclísmica do seu desaparecimento iminente; a derradeira, o próprio Gosala)

- a última bebida (certamente espirituosa)
- o último canto
- a última dança
- o último cumprimento (a Halahala)
- a última tempestade
- o último elefante que asperge perfumes (terá havido um na corte de Magadha)
- a última batalha com grandes pedras (entre Magadha e o clan dos Licchavis)
- o 24º e último *tirtankhara*.

Maskarin aprestou-se enfim a morrer. Deu ordens para banharem o cadáver em água de rosas, untá-lo com pasta de sândalo, vesti-lo ricamente, adorná-lo com jóias, fazê-lo passear num palanque levado por mil homens, solenemente proclamando o passamento do último *tirtankhara*.

À sétima noite, no entanto, Gosala viu-se tornado pelo remorso. Afirmou ser uma fraude, um assassino, traidor do

46 de Maskarin Gosala.

seu mestre, envenenado pela própria magia. Reconheceu a divindade a Mahavira, e cancelou as instruções anteriores.

Ordenou que atassem uma corda ao seu pé esquerdo, cuspissem três vezes na sua face, e o arrastassem nas ruas clamando que ele fora um charlatão e criminoso, e depois lhe mutilassem o corpo, sem respeito.

Os monges Ajivikas terão seguido à letra as ordens recebidas. No chão da olaria, fechadas as portas e janelas, traçaram o plano da cidade de Savatthi, e sobre ele, pelo pé esquerdo, arrastaram o corpo já sem vida e proclamaram o embuste. Enfim, retirada a corda, aberta a porta, adornaram o corpo em acordo com o primeiro ensinamento, e procederam ao solene funeral com grande pompa.

Assunción

Era noite e o dinheiro acabava. Tinha ido ao Paraguai em busca da fortuna fácil, e a fotografar as reduções dos Jesuítas. Decepcionaram-na as ruínas⁴⁷, múltiplas vezes a sombra dum cartaz de Stroessner; um revés da fortuna, num negócio apressado, em que a cocaína fora substituída por um misto de talco e sacarose⁴⁸, levavam-na a dispender as parcas ecónomias numa última noite; a frequência de Don Luís de Montero havia-o ensinado a apreciar os sons convulsos da música etnográfica.

Era pouco o dinheiro, e a noite principiava. Um autocarro repleto deixou-a nos arrebaldes. O espectáculo tardava em

47 Não tão circulares como as que Borges as descreve.

48 Ou por laxante italiano para bebé, já não recordo o que ele me contou.

começar, porque vários coronéis e almirantes se sucediam, aplaudidos.

Por um momento, temeu ser reconhecida, através do disfarce. Mais que o perigo e a menção do nome, assustava-a o brilho dos olhares e o estertor das palmas.

Jamais esqueceu o desengano de pedir sopa paraguaia, uma espécie de doce, prontamente substituído por um creme de ervilha. Ainda hoje recorda a dança *de las botellas*, como uma torre de garrafas que bamboleiam à cabeça de mulheres, e o acompanhamento, em harpas minúsculas.

À meia-noite pagou, e viu fugir-lhe um último autocarro. Esperavam-na a pensão central, um bilhete matinal para Buenos Aires, e aí a profissão de inspectora de aviários.

A idade e a fraqueza da vista não convidavam a vencer os quilómetros a pé. Chamou pois um taxi. Não soube reconhecer os caminhos com viaduto, nem as direcções da auto-estrada. Não percebeu o camião que os perseguia com faróis nos máximos, e a buzina acesa. O calão do motorista diferia do de Palermo e seus gaúchos. Enfim, palavrões; o condutor repetia “campesino”, voltando-se para trás, ameaçando com o punho.

Depois travou, de repente. Movida pela inércia, a camioneta passou ao seu lado, a esquerda.

Do bolso do casaco saiu um revólver.

Ninguém soube se os 2 tiros acertaram: mas o perseguidor mudou de rota.

Ao pagar, perguntara “pistola de alarme?”. Só então o motorista foi claro. Estava carregada, e sabia como usá-la.

A tarifa havia aumentado 40% para além do montante no taxímetro. Outro tanto foi o total da gorjeta. Mais tiros não houve, nem conversas.

Universidades

Amigos de Alex

Nesse pequeno cemitério que jaz logo a seguir ao Vale dos Caldos, ergue-se um singelo mausoléu. Só reza assim a inscrição:

Alejandro Diego Alvarez
1957-1993

Profesor en la Universidad Complutense

Todos os domingos Ihe põem uma coroa de flores.

Pepe Serrano levanta os olhos da sua arte final. Sim, pois claro, conhece Alex desde o princípio. No recreio da escola, jogavam ambos pelo Real Madrid. Já no liceu do Escorial, eram livres de escolher ser hippie, punk ou rocker, já que o franquismo não era opção para nenhum aluno digno desse nome.

Pepe foi punk, e Alex um hippie com estilo de rocker, de mota e de blusão. Nenhum dos dois era bom aluno em todas as cadeiras - mas cada um era o melhor naquilo de que gostava.

Com a morte do Caudillo, tornaram-se os líderes naturais de duas facções, continuando amigos, e foi juntos que partiram as janelas de uma sala, arremessando cadeiras.

Alex atrasara um ano os seus estudos, para exercer um discreto contrabando. Ao entrar na Complutense, traçou o seu destino - o professorado. E quando, com Pepe, celebrou a nota do exame derradeiro pelos meandros da movida madrileña, Alex havia já assinado o seu contrato.

Nesse ano interrompido, Nicole vivia com Alex em Neu-châtel. Alternavam as opções de fim de semana - algum lago, um certo cume nos Alpes, um novo concerto em Viena. Nunca negociaram em drogas pesadas, e anteviam, com desconfiança, as possibilidades de se verem controlados: enquanto um recebia o dinheiro, o outro entregava a mercadoria. Nicole crê que jamais levantaram suspeitas, e, dez anos passados sobre o regresso de Alex a Castela, não mais voltou a fumar.

Também não se voltaram a corresponder, Nicole está hoje bem na vida, e afectou desinteresse ao saber que ele morreu.

Não é nada parecida a reacção de Juanita. A ela devo ter sabido logo, ir um telefonema para a Tierra del Fuego, onde me aprestava a subir as faldas do Cierro Eggar.

Juanita relembrou a última vez que o vira de saúde e atravessaram a ponte, quando o seu BMW avariou. Alex sempre tivera mão firme no seu destino, mas nesse dia mostrava-se destemperado Juanita pensou, ou sentiu - e em qualquer caso, arrependeu-se - que algo estava mal, ou algum mal iria acontecer.

Mas prefere pensar nos tempos gloriosos de um passado mais remoto, os dois primeiros anos da Complutense, os seus primeiros meses de Madrid. Há dias, recebera o prémio de design industrial. E, no acto, dedicou-o à memória de Alex, o homem de todas as vitórias.

Era o herói de todos os caloiros.

Recorda-o, nas primeiras férias de Natal, a chegada de Paris, enquanto os caixotes com livros de arte, poucos dos quais comprados... e também quando Alex foi à sua escola de provincia. Era brilhante esse aluno que o cravejara de perguntas. Ronaldo era franzino, e iria fazer artes marciais para ser como Alex. Para além de atleta, seria professor e cientista.

Não teve tal destino. Era um consumista inveterado. Para comprar, roubou. Para roubar, matou. Por matar, foi condenado. Da condenação, fugiu.

Foi difícil encontrá-lo, na zona de Biarritz, ao abrigo das falsas identidades que a ETA atribui a quem protege. A sua capacidade de planeamento frio tornou-o respeitado.

A cada emboscada que prepara, assim como na fuga da prisão, não deixa de lembrar essa remota palestra, na aula de Juanita, sobre a psicologia da dissimulação. Actualizá-nos a esse propósito, com uma leitura recente do livro de Stengers acerca da hipnose. Será ela uma arma ao serviço da revolução?

Leodegário interrompe a verificação do disco óptico. Alex viera vê-lo a Acapulco; ambos estavam mais gordos e felizes. Quando se conheceram - recorda - ele partia de comboio para dar as suas aulas de ciências naturais. Com a morte de Franco, os alunos reclamavam; os seus argumentos eram iguais aos que Leodegário defendia na Universidade onde estudava. Terminou o ano com um curso de sexualidade, como Alex lhe propusera.

Neste momento o narrador sente uma quebra.

Histórias bem mais tristes acodem-lhe a memória, a ele que, um por um, entrevistou todos os actores deste drama. Torna-se pois repousante abrir aqui um novo capítulo.

Vem, no entanto, em meu socorro von Trips, a quem perdi de vista há tanto tempo. Fala-me da forma como celebrámos os 3, com Alex o centenário de Freud, inalando cocaína nas latrinas da vetusta faculdade em que, então, todos ensinávamos. E da aula que então deu, sobre os corpos do Rei. E fala, com o entusiasmo de sempre, juvenil contra o tempo que passa.

Mas o narrador está triste. Dos Corpos do Rei deriva para o problema dos N corpos, insolúvel, como a vida.

Agora, é urgente interromper.

O Comboio dos Malditos

Chamo-me Puig. O tom explosivo do final do meu nome trai a origem basca, e a inclinação para a violência. Acompanha-nos, aos da estirpe deste apelido, um ar de estranheza⁴⁹ aonde quer que nos desloquemos. Sinal de pertencermos à posteridade de Caim, ou apenas reflexo dum impronunciável idioma bárbaro?

Na Complutense ensinei informática a uma turma de psicólogos. Entusiasmávamo-nos então pela inteligência artificial⁵⁰. Foi nessa altura que Alex e eu privámos, um era aluno do outro. É fácil lembrar a cena - ele era delegado de turma,

49 Garcia Marquez menciona um idêntico sinal, que acompanha os varões da raça dos Buendia.

50 Ainda ninguém falava – fui o primeiro – do que viria a ser o connexionismo.

no alto do anfiteatro, pés esticados sobre a cadeira da frente; o exame era difícil, as notas vacilaram entre 0 e 15 - a dele, de Alex.

Na 2ª prova teve um 5, e a inclemência das médias levou-me a atribuir-lhe a nota tangencial, muito abaixo das suas possibilidades.

Disso me queixava anos depois, quando juntos festejámos a edição de dois livros quase simultâneos. O dele, sobre a encenação teatral, de Brecht a Soywinka. O meu, no âmbito das metodologias de análise de entrevistas. Ao fim de algumas cañas, tentou tranquilizar-me. No dia do 15 não sabia nada. Papéis corriam, a partir dos bons alunos; folhas que o professor não via nem suspeitava. De cada uma delas, Alex tirou a melhor resposta.

As bebidas tornavam-se mais fortes, e discutimos as vias da perfeição. Uma delas, era a optimização sob constrangimento, teorizada por Herbert Simon, e que Alex alegava ter implementado nesse exame. A outra obrigava a um olhar para Oriente. Acordámos sobre a identidade entre o bushido e o imperativo categórico.

Restava enfim a via dos réprobos - Hallaj, Rasputin, Luc Dietrich. Alex recordou então a triste história de Ronaldo. Uma nova rodada, e é o momento de contar esse casual encontro na zona de Volos.

Sim, também eu conhecera, Ronaldo, o filho sem mãe, de um guarda civil que a democracia fizera definhar. E a coincidência de os encontrar nessa desmazelada excursão pela Grécia, do Norte, ao engano daquele guia Trota-Mundos que assim diz de Delfos “it’s a pity! ah! ah! ah!”

Coubera-nos pois a má sorte de acreditar que na íngreme Makrinitza se encontrariam os descendentes dos centauros do Pelion. Céleres descemos por Volos, e sem ver a cidade entrámos no primeiro comboio para essa vila de artesanato

grosseiro (tão longe do de Samos!) cujo nome não sei nem gosto de lembrar. O alarido da 2ª classe, as tapas e o vinho levaram-nos a reconhecer na excursão madrilena, alegre e ecômico. Lá estava Ronaldo com o seu pai. Foi aí que me falou de Alex e da sua aula. E do livro que preparava, provando a inexistência do diabo, em termos de não-contradição na lógica de Aristóteles. Contra-arguntei com veemência, explicando os princípios da implicação modal, e a paraconsistência, e servindo-me da condição e da idade por transformar a sua refutação numa falácia. O diabo podia, pois, existir e andar à solta. Para melhor discutir, tirei os óculos e bebi com eles. A conversa reverteu para o perigo da guerra atômica e a sobrevivência humana. Preparava-me para o rebater, quando no fundo da carruagem apesar da miopia⁵¹, reconheço um olhar.

O míope de nascença vive um universo brumoso como o do alto-mar. E, como o capitão no convés de um barco, não lhe é dado reconhecer o continente, mas apenas o ritmo de cada farol.

Não foi pois o olhar que reconheci, mas a sua cadência num movimento de *nystagmus*, mais rápido e constante que aquele que a vontade humana permite conseguir, horas a fio. Um único amigo, entre todos aqueles que cruzei na poeira dos caminhos, ou sob as luzes das câmaras e da ribalta, olhava o mundo assim: era Hector, o jovem colega da Complutense, da área das clássicas.

Pachorrentamente caminhava o comboio, cheio de gregos, espanhóis e de um basco - eu. Hector não me reconheceu, pois estava sem óculos⁵². O comboio chegou, cumpri-

51 não havia então disponível em Gibraltar a cirurgia de Fyodorov, que experimentei com sucesso.

52 que eram então, com os bigodes e as suíças, o meu *ex-libris*.

mentei-os, descemos. Só sei dizer que, à chegada, a refeição foi de peixe. Nesse dia os caminhos separavam-se. Hector e a namorada iam aos Meteoros. Ronaldo e o pai prosseguiram a excursão com destino a Creta. Eu desistira do Monte Athos para não ficar só, e optara por chegar a Istambul por terra. Não houve mais histórias em comum, para Ronaldo e Hector. Coube-me, por infortúnio, privar com ambos.

Um ano mais tarde, as mãos de Ronaldo haviam-se tingido de sangue. Julgado na comarca de Alcalá de Henares, o povo quis linchá-lo – viveu-se o ambiente de uma tourada de morte. O pai contratou um juriconsulto. Perorou com o brilhantismo de um Cícero, e foi totalmente ineficaz. Só parou quando o fôlego se lhe acabou. Ronaldo mostrou fraqueza de carácter, cedendo ao contra-interrogatório. No primeiro dia, dizia-se inocente. No fim, admitiu-se culpado, e não pareceu a ninguém que estivesse arrependido. O júri foi unânime ao votar a pena máxima de prisão. Pouco tempo depois, ao fim de várias tentativas, estava em liberdade, a luta pela independência de um país que um basco, como eu, acha que não é o dele (para além de entender que não deve ser independente).

Aqui interrompe-me Alex, e defende, citando Kouchner, o direito e o dever à ingerência. E agora é ele a evocar Hector, e como a preparação e defesa da sua dissertação o tinham esgotado. Publicara o seu livro antes dos nossos, quando já não vivia. Ainda o encontrei, há tempos, exposto numa livraria em Barcelona - “O banquete, do teatro à filosofia”.

Recordámos ambos o estúpido acidente com o carro na Sierra Nevada, as dívidas consequentes, a recusa de aceitar empréstimos ou pedir crédito.

Alex almoçou com ele, uma semana antes de abrir o gás, a água da banheira, e as veias de ambos os pulsos. Centrava o discurso na venda da sua colecção de trilobites, e no di-

nheiro que não chegava. Não nos disse que acabara com as namoradas, o psiquiatra, a mulher a dias e a medicação. Insistiu, por orgulho, em pagar o almoço, mas Jesus Hendrigo e Alex impuseram-se.

Despediram-se a uma esquina. Eu ainda fui dos últimos a vê-lo quando, na Complutense, Hector fora reservar tempo de computador, na véspera de morrer. Tomámos café. Depois, o blackout. A porta fechada à chave, o telefone desligado, o cheiro a gás.

Enfim, a porta arrombada e a carta, terrível, a falar do livro e do cansaço, e a dizer que era só ele, não nenhum de nós, o reponsável.

É claro que, na Complutense, nos sentimos todos culpados, nessa semana nenhum havia procurado falar com ele. Eu era mais próximo que Alex, embora não fôssemos íntimos, mas Manolo de Plans sofreu - e ainda sofre - como por um filho.

As vias da perfeição - continuámos - não se atingem de comboio. Não são as de Ronaldo ou Hector - embora o suicídio, em acordo com o bushido, possa ser a atitude mais nobre. Refutámos o Orient Express e o Transsiberiano - a bebida, um Kalwa, fumegante, e um “porrito” tornavam-nos levemente delirantes. Alex ia para Tokyo em lua de mel, casava-se no mesmo dia em que parti para Bombay.

Mal sabíamos que, à sua volta catastrófica, nos havíamos de despedir de uma forma tão intempestiva como ambos o fizemos com Hector. Mas essa é outra história

Traje de Luces

I - À paixão pela astronomia, e a um filme de Hitchcock, devo o prazer de ter sido a primeira testemunha ocular do escândalo que andou pelas manchetes da *Holá*, e afectou um dos grandes de Espanha.

Tratava-se do congresso Wittgenstein em San Feliu de Guixols. Sir Karl

Popper tinha já feito a sua alocução magistral.

Era o dia em que Jayme de Mola e Adragón organizava uma tourada de beneficência para os druzos. Miguel Pylsen, o portentoso ministro que batera com a porta ao seu Rei (e havia recebido um banco por esmola) lá estava na tribuna, nonchalant, descontraíndo-se entre duas sessões do congresso.

Os Marqueses de Gijón chegaram, cercados de uma hoste de fotógrafos.

Ele, Falcón, de peito impante, varonil, sorrindo para a esquerda e para a direita. Ela, Isabel, com um vestido de flores, e o seu jeito felino de gata siamesa.

Don Jayme, numa bravata, desafia, com nobreza, o aristocrata para suceder (perante os touros Miúra) ao Cordobés. Um nobre de antiga linhagem não sabe dizer não. E Falcón sempre desejara fazê-lo.

II - Lá estava eu, filósofo desocupado, olhando por uma luneta, 10 andares acima, o anfiteatro descoberto.

A rádio transmitia em directo o ambiente e as conversas. Deus, no seu trono, e eu próprio, com aquela luneta, éramos os mais avisados dos espectadores.

O que se passou foi confuso, mas pareceu natural. Isabel Bayard alegou então uma enxaqueca. Via-a, pelo óculo, tomar uma aspirina, e o marquês, que então se vestia, despediu-se com altivez. Pouco antes, fora apresentada a Miguel, pareceu tratá-lo com desdém.

Miguel saudou efusivamente Cordobés no fim da sua faena, baixou a cabeça ao passar por Dom Jayme e Falcon - e estes aristocratas (pareceu-me, 10 andares acima) não viram, ou fingiram não ver o pomposo burguês.

Saiu Miguel por outra porta, acompanhado por um epistemólogo. Com um sinal, despediu o segurança que se perfilava.

III - Mudei de óculo e segui os seus passos. Dois quarteirões adiante, entrava por um prédio de escritórios.

Então apercebo o carro vermelho de Isabel que estaciona junto à porta das traseiras.

Subiram, em simultâneo, para o 4º andar, cuja indiscreta janela dava de frente para o meu nicho de observador.

IV - É inútil descrever o que fizeram. Os paparazzi comprazem-se com uma escassa amostragem. Basta dizer que ela parecia conhecer o Kama Sutra, e que o peso dos anos não havia enfraquecido o vigor dele.

Ao mesmo tempo, o Marques de Gijón fazia o seu melhor. Falhou a primeira bandarilha, foi tocado pelo animal enfurecido, mas soube dar-lhe a morte com pundonor - a tudo isto pude assistir pelo outro óculo, nos intervalos que me concedia aos ininterruptos amores de Pylsen e Bayard. Pela rádio, soube que sir Karl havia chegado ao campo de touros. Decidi descer e cumprimentá-lo. Vesti o casaco, o colete, e a gravata de seda assinada por Damiani.

V - Estava então, quando cheguei, Carlos Falcon a sair em traje de luces, abanando o rubro capote. Vinha suado e sangrento. Parecia esgotado e feliz.

Puseram-se em fila para o saudar. Cumprimentei-o imediatamente depois de Karl Popper o fazer. Os espectadores aplaudiram de pé, incendiados. Apertei-lhe fortemente a mão, e olhei nos olhos o Marques de Gijón. O povo festejava e repetia: “Torero!, Torero!, Torero!”.

E eu sorria a Carlos, e uma voz no meu íntimo dizia, com a mesma loada: “Corno! Corno! Corno!”

Fama Fraternitatis

Nessa geração, não era raro que nos considerássemos irmãos, apesar da diferença na idade ou no sexo. Outros, nas auto-estradas, corriam riscos de morte acelerando de moto na contra-mão; nós, mais inofensivos, arriscávamos a seropositividade, abrindo-nos os pulsos e misturando os sangues; outras vezes, deixávamos cair as suas gotas numa atormentada garrafa de Chianti ou de Rioja que bebíamos; mais, eram, porém as ocasiões e que nem sequer isso fazíamos, e ficávamos irmãos da mesma forma (uma outra forma de fraternidade semelhante, a dos “irmãos de palco”, foi inventada pela ópera de Beijing).

Tive duas irmãs, hoje dispersas pelo mundo, em três continentes, e mais ainda pelas avenidas do espírito. Recordo a nossa despedida, ao canto duma lareira, na esquecida aldeia das Hurdas, onde deixei o cinturão de chumbos, e o fato de mergulho que a barriga me impede de voltar a vestir. Havia

um novo fato, uma espécie de edredon do tempo da guerra, de um coronel aviador que o envergara em carlingas descobertas (um apostador de sucesso, que os casinos acabaram por recusar.)

Diziam: “queima-o!”, e eu não o fizera, pois quero-o para escalar as neves do Kilimanjaro. A prová-lo, exibo as botas recém-compradas de montanha que no primeiro dia de uso me deixaram ferido o tornozelo. E lembro, a perna ensanguentada daquele Saddhu sem dentes, que perguntava “Where you are from” nas margens do lago Dal, os seus olhos como luares, enquanto eu fazia por não ouvir e comia a minha sopa, o homem que eu não salvei, talvez hoje tragado pela guerra fratricida - que conheci no dia em que retornei a Dehli, aquele cuja palavra e olhar jamais voltarei a ver, hoje irmanados na dor do meu pé infectado. Mostro pois o par de botas, e na etiqueta dentro todos lemos “made in Indonesia”. Os risos de “fascista” selam o nosso pacto de despedida - era o aniversário de um dos massacres de Dili...

Ainda trago as botas e junto-lhes uma bengala, pois coxeio de gota.

Troco, com elas, cartas regulares ou mensagens, ao gravador do telefone. Os fatos continuam arrumados; não voltei aos recifes de corais, nem ao Golden Eagle, que foi meu barco e casa em Srinagar; tão pouco escalsei o Kilimanjaro...

Mas são outra a irmandade e o pacto que hoje me ocorrem. Eram também três as colegas de Alex, suas irmãs de algum modo.

A todas vi eu ontem. Concepción, locutora na Galavisión, entrevistava um “barbudo”, ministro indigitado para o governo do Podemos, que tentava afectar moderação, apesar da imagem façanhuda. Lembro como ela e Alex começaram uma fugaz relação, de pé, no compartimento da automotora que nos trazia da zona de Marbella, numa excursão escolar.

A outra é Paola, e o seu perfil aquilino bem conhecido dos apreciadores do programa da igreja. Falava do pecado venial, e o padre jeuíta dicotomizou entre o céu e o inferno como condições de liberdade. Liberdade que não tínhamos, nos tempos de Alex, quando nenhum de nós ousava confessar a sua fé. Assumiamo-nos ateus ou agnósticos, em todo o caso livres pensadores e anti-clericais militantes.

Foi a morte de Borges após a extrema-unção, que nos advertiu - e, quando Alex se despediu do mundo com o mesmo sacramento, fizemos por entender melhor. Ele foi, até ao fim um samurai! Hoje, aqueles que não se divorciaram já se casam pela igreja e batizam os filhos; eu, porém, resisto estóico... Por isso me não deixam ser padrinho...

Mas é de Esperanza que quero falar aqui. Ontem cruzámo-nos nas alamedas complutenses, e falávamos do tempo em que ela e Alex acamaradaram nos bancos da graduação em teatro. Entre eles, o entendimento era de rivalizar pela melhor nota, e a corrida em ver quem primeiro faria o Ph. D., e quando a mais distante cidade da Califórnia onde encenariam a melhor das suas peças.

Os anos passaram, e a vida universitária seguia pachorrenta. Uma vez vira Alex doente e contei-o a Esperanza, mas quem acredita no bom do Fermín, que ferve em tão pouca água, que até dissertou sobre o começo da 3ª guerra mundial, na altura das Malvinas?

Ela deixou andar, e eu, num dramático abraço, fui ver Alex ao hospital. Recordo a conversa da família sobre a culinária filipina. Despedi-me e apanhei o avião - e soube por Juanita do trágico desfecho, quando enfrentava uma montanha - o Cierro Eggar -, não tão alta, mas mais perigosa que o Niragongo e o Kilimanjaro...

Enfim, ouçamos a história como é contada por Esperanza. Não mais a preocuparam a saúde e o destino do “nuestro Hermanito Alex”.

Um dia, fazia compras, não longe do Vale dos Caídos, nas galerias Preciados. Passa solene um cortejo fúnebre, na manhã ensolarada. Nele reconheceu a figura distinta do professor do Laboratório de Cálculo; ali, o rosto impenetrável dum conhecido cineasta, mais longe, a altiva compostura de familiares, o amigo mais chegado, a quem Alex deixou as palavras finais “lembra-te de mim!”, hoje também desaparecido após heróica convalescença; uma morena que chorava, junto à família, uma loira que não sabia nem chorar, nem que dizer...

E deixou o saco de compras, e correu a juntar-se, e acompanhou Alex até à derradeira morada.

Revejo as palavras de Esperanza. Imagino as cores sombrias, as afiladas silhuetas, os olhos elevados aos céus de Greco, num retrato igual ao do sepúlcro do conde de Orgaz.

É assim que nos despedimos dos irmãos.

Zeitgeist

Tertúlias há mais de meio século

- Les puissances du dedans - Michel Random
- Les collège de sociologie - A.A.V.V.
- A cultura de Weimar, a causalidade e a teoria quântica - 1918/1927 Paul Forman
- The Scottish Book - R. D. Mauldin
- Estes dias tumultuosos - Pierre Van Paassen

I - As gerações heróicas desaparecem em tragédia. Todos conhecem o destino da de 70. O virar do século, que é descrito em “L’esprit viennois”, no centro da Europa, trata dum mundo que morreu ao deslocar o seu fulcro para ocidente. Os anos 60 produziram os últimos grandes ideais e a mais bela música, e nos que lhes sobreviveram, hoje só resta a frustração, o tédio, ou, pior que isso, o conformismo⁵³.

53 Caso de quem estas páginas escreve na Birmânia...

Entre todas estas datas, medeia o período de uma trintena de anos. As linhas que se seguem debruçam-se sobre 5 livros, que oscilam todos em volta dos anos 30, uma outra dessas idades fatais. Quiçá, os anos 90, conhecerão idêntico destino...

II - A obra de Michel Random é a história de quatro homens, que amiúde se cruzam em Paris. René Daumal, o mais puro, aquele que experimenta na carne até se destruir. Membro de um grupo literário, coevo e menor que o surrealismo (*Le Grand Jeu*), dedica a sua vida a uma busca que passa pela droga e pelas traduções dos clássicos sânscritos. Nos últimos anos recebe o amparo de Gurdjieff, a quem seguiu disciplinadamente.

Diferente é a atitude de Luc Dietrich, o mais sincero. Salvo de uma vida marginal por Lanza del Vasto, é por um percurso de auto-análise⁵⁴ que se transforma num grande escritor. A viagem de Lanza à Índia deixa-o, também, com Gurdjieff.

Tenta, debalde, conciliar G. com L. - eles não se irão entender. Nos últimos dias de guerra, quer fotografar os loucos num asilo, mas o desembarque na Normandia e uma bala perdida ferem-no de morte.

Menos trágico é o destino de Gurdjieff, o mais sabedor, e de Lanza del Vasto, o que veio de mais longe. O relevante é que estiveram de dois lados diferentes das cadeias montanhosas do Hindu-Kush e do Himalaia, de onde correm respectivamente o Oxus e o Ganges. Como os rios, as tradições espirituais que aí surgem divergem irremediavelmente.

54 ² que inclui a censura: Lanza obriga-o a destruir sucessivas redações.

Hoje sabemos, após um concerto arménio- o nacional desta pátria que caminhou com Gurdjieff não se chamava Sarkis Panossian, mas Calouste Gulbenkian, pelo livro do qual percebemos que juntos partiram até ao Apchéron.

III - Simultaneamente e em Paris, um grupo inicialmente animado por Leiris, Caillois e Bataillie, que reúne ao fundo numa livraria, chama a atenção para a sociologia do sagrado e suas consequências políticas. Entre as conferências ora publicadas em livro, um texto de Kojève sobre Hegel, uma introdução ao chamanismo, estudos comparando os rituais dos cavaleiros teutónicos aos do nazismo então nascente, e uma análise do papel do carrasco, como personagem simétrico do rei sagrado.

Trata-se, pois, de um esforço teórico corajoso, sem continuidade, que, a gucrra varreu.

IV - O livro de Forman foca um período anterior, e a resistência, ou conversão, da comunidade científica alemã a um ambiente intelectual hostil, conforme é dito em subtítulo.

O essencial, na caracterização da mentalidade da época é a difusão daquela obra de Spengler que Borges traduzia como “The Going Down of the Evening Land”, onde o conceito de causalidade, e de formas diferentes, a física e a matemática ocidental⁵⁵, são postos à prova, em nome de um relativismo cultural extremo.

A análise de casos que é feita, mostra as vacilações para o irracionalismo de homens como Schrodinger. Como nota

55 esta grelha de análise vem sendo prosseguida por Sal Restivo

curiosa, é de verificar que as ideias mais firmes, no sentido do que hoje é a mentalidade de um cientista médio, sem dúvidas metafísicas, se encontram nas figuras dos 2 grandes revolucionários - Einstein e Planck.

V - Alheios a estas angústias, foliões, prazenteiros, talvez por só pretenderem ser matemáticos, são os frequentadores do Café Skoczka, em Lwow, então Polónia, hoje Ucrânia (e presto aqui a homenagem a um Mestre, tão humano, Luís Scoczka).

O livro ora editado por Mauldin (matemático e jogador de futebol americano), é um manual de problemas, apostas, soluções: por exemplo, uma garrafa de vinho Francês pela demonstração de conjectura.

E veêm-se desfilar, pelas mesas do café, nomes veneráveis, como Banach e Ulam, que os anos seguintes à guerra fazem reverter para a clandestinidade ou o exílio. Para além dos usuais exercícios de combinatória, é a origem da análise funcional que nos é retratada, com todo o prazer e convivialidade que são necessários para construir um novo ramo da ciência.

Que nos ficou deste espírito?

Num artigo que já não é recente, do *Mathematical Intelligencer*, um turista passa por Lwow e os habitantes mais idosos ainda lhe sabem indicar o prédio “onde se reuniam os matemáticos”, hoje sem café.

Em Oberwolfach, a Sociedade Alemã de Matemática gere um *cottage* na neve, e desde os anos do pós-guerra que, 50 semanas por ano, meia centena de pessoas percorrem, em sucessivos congressos, tudo quanto é hoje chamada de Matemática. No refeitório, há um livro de problemas; quem

o folhear não encontra nem o acervo, nem a alegria, desses tempos de Lwow.

VI - Diferente é a estrutura do livro do jornalista da Reuter, de ideias mais avançadas que a sua época - um sujeito parecido com Koestler. Compõem-no as suas reportagens, em parte inéditas dos anos que precederam a guerra, e é uma justificação da sua inevitabilidade.

A leitura do livro conduz, como uma consequência lógica, àquilo que Eduardo Lourenço chamou “o buraco negro” deste século, o 3º Reich, pelo que tem de misterioso, destruidor, incompreensível.

São de outra estrutura as tertúlias de que este livro nos fala.

Mencionamos duas :

- A reunião de industriais, políticos e militares das várias nações, decidindo financiar o então obscuro partido nazi, para obter benefícios económicos a partir da indústria de guerra;

- A assembleia de mortos em Djemaa-al-Fna, no centro da noite de Marraquexe, aonde, a dorso de camelo, os cadáveres de opulentos proprietários, observavam com olhos vidrados a dança de odaliscas, a prometer o paraíso.

VII - A geração de entre duas guerras foi morta ou dispersa pela 2ª.

Quem tenha lido alguns destes 5 livros adivinhará que ela talvez concebesse formas de maior sociabilidade e de grandeza que a posteridade não soube, nem quis, reinventar.

O Dia dos Dinossauros

I - Não está de parabéns a Astrologia, nesta noite de 23 de Abril. Não que hajam falhado as habituais leituras dos arúspices, os conselhos e as conjunções, as vitórias e as derrotas, os signos e os ascendentes.

Falhou também o apresentador da CNN e a oportunidade rara e televisiva de, num golpe de asa de pivot, estabelecer uma ponte entre estas duas efemérides simultâneas, abençoadas pelos astros - *an eternal golden braid...*

Em todo o lado faltou alguém, lembrando como 2 aniversários coincidentes correspondem à glória idêntica de destinos de Estado, poder e guerra, temperados pela solidão, fé e desconfiança; interligados, no futuro de um com o passado de outro, pela entre-expressão de uma mesma configuração astral - ou terá sido uma mera questão de ascendente, resultante de se desconhecer a hora oficial do nascimento de um líder dos povos e das nações, a perturbar as projecções desta antiga ciência, repleta de símbolos e de rigor?

II - Como era diferente o tempo em que, no Tibete desocupado ainda, o oráculo oficial descobria a nova manifestação de um grande lama, que fazia questão de recorrer no aniversário do mestre defunto, prova suplementar da sua legitimidade enquanto emanção de um só princípio espiritual!

Pois o nosso primeiro aniversariante de hoje será o Vencedor de Bagdad.

Após um mês de escaramuças várias (aonde a oposição ecológica e democrática lhe terá criticado o desgarnecimento de algumas defesas aéreas, como nefasto para a segurança dos campos arqueológicos), ei-lo que regressa, risonho, triunfante, popular e populista, emagrecido até à elegância. Vem pronto a punir a indisciplina, como bem o reconhecem curdos e xiitas.

No entanto, amante da liberdade: redistribui largamente poderes pelas suas vice-presidências, reservando para si um magro, breve quinhão; recebe um líder curdo, abraça-o e beija-o; entretém-se com um patriarca de alva barba florida, aconselha-se com ele, juntos se posternam e rezam; enfim, anuncia eleições multipartidas. Sabe que chegou a hora de lutar contra os corruptos: demite, pois, pundonoso, o ministro da informação, esse hipócrita que durante vários meses enganou o povo do Iraque e o seu Presidente.

Reintegra, entretanto, a comunidade das nações; submete-se com dignidade cedendo apenas onde é devido; deixa, solícito o ónus de apagar fogos ao cuidado dos emires; abre a fronteira Norte aos helicópteros dos yankees, acolhendo com bonomia na sua tenda de campanha medicamentos encaixotados. Abre as largas portado seu país aos investimentos, e a reconstrução. Diz-se já que a maquette dos jardins suspensos está pronta, em estilo Bonsai.

Faz enfim anos, e sabe ser magnânimos. Abaixo o preço nas estações de gasolina, num ápice faz gratuitos os transportes, e as crianças todas recebem uma prenda.

Filarmónicas tocam pelas ruas, como se dizia de Woodstock, “everywhere there are songs and celebrations”.

Pobres refugiados do Curdistão, impacientes, que se precipitam sem saber esperar por este dia das mercês. Sem adivinhar os tempos de alegria que se avizinham!

Porque entrámos já na era do Aquário, os astros estão com os fortes, e o futuro é deles...

III - Outro homem nasceu nesta data. Foi citado por Mário Soares como “um Presidente do Conselho cujo nome não me lembro”; inspirava-o talvez o Perón de Borgcs - “Um ditador cujo nome não quero recordar”. Ambas eram hipóteses de um pedaço do Quixote, que Aquilino traduziu, ameno - “um lugar da Mancha cujo nome amanhã direi”.

- Por tudo isso vou contar uma história vivida. Aterrávamos então em África, num aeroporto quente e ventoso. Meia dúzia de anos tinham decorrido sobre a Revolução de Abril.

Um rapazinho acercou-se, a ajudar com a bagagem. Amável, não queria receber dinheiro, apenas dar uma ajuda e conversar.

No fim perguntei-lhe, em jeito de despedida:

- Como te chamas?

- SALAZAR

Violações Causais

- (Apontamentos de viagem pelo Oriente Médio)

I - Einstein – Podolski-Rosen

O princípio de causalidade, nas suas diversas formulações, distingue o passado do futuro, as causas das consequências, procede daquilo que é menos para o mais provável, e elabora-se a partir de situações repetíveis.

Porém, a física de hoje conhece-lhe exceções, ou melhor, interpretações onde a causalidade se perde, ou onde outro princípio⁵⁶ parece emergir.

O quotidiano de uma viagem pelo Oriente e, por definição, irrepetível e é de modo diferente que o tempo se passa. A causalidade sai violada.

56 sem sucesso, Jung e Pauli tentaram encontrar aí a noção de sincronicidade

II - Tebas e o romano

O templo de Karnak ainda hoje é gigantesco. Ocorre geralmente, na natureza e no bom-senso, os princípios antecederem os fins. Um ser nasce - e depois morre, o mesmo acontece a um império.

Diferente é a história da linguagem hieroglífica (e a do universo?). Uma como outra, são imensos, não se sabe quanto nascem - ou se nascem.

1872, Champollion e a pedra da Roseta marcam o renascer do sentido destas mensagens gravadas em pedra, ou em rolo de papiro, após dois milénios de silêncio; pois que o fim da linguagem falada dos hieroglifos está também datado.

É um fim que precede um princípio.

A história é contada na noite de Karnak, no espectáculo de luz e som que se enche de visitantes.

“... Chegando das campanhas da Panónia, o centurião Germanicus, mais

tarde imperador de Roma, remonta o Nilo até à antiga metrópole de Tebas. Nas já então desertas ruínas, confrontado com as paredes pintadas de alto a baixo, deparou-se-lhe um velho, atento, solitário, perdido na poeira.

Interrogado, responde-lhe:

- Tens sorte, ó Germanicus, de encontrar o último homem em Tebas que sabe ler nestes muros e colunas.

E passou o dia escutando as histórias da glória antiga de Tebas, que outrora excedera a da própria Roma...”

III - Olhos postos em Gaza

Ser o primeiro, para não perder tempo. Acordar mais cedo do que as duas Horas de caminho, apanhar um autocarro ou então um taxi, chegar à fronteira antes dos guardas, dos viandantes, dos refugiados.

A região é a de El Arish, local predilecto de férias das famílias egípcias, mais 20 km a Norte, é a faixa de Gaza e os campos de internamento na Palestina.

Quase sem trânsito de camionetas, melhor é pegar um taxi colectivo, ao dobro do preço.

Lá chegando, veêm-se famílias carregadas de cestos que já estavam na fronteira. Às 9.30 horas, chega a carrinha com os guardas fronteiriços.

E foi difícil esgueirarmo-nos e ser os primeiros a passar o arame farpado, de abertura.

E ser, sempre, pioneiros a carimbar passaportes, passar na alfândega, pagar as várias taxas.

Só que, no átrio do edifício aduaneiro, duas loiras, de ar sonolento já lá estavam. As últimas da noite, antes dos primeiros do dia?

A explicação apareceu em Tel Aviv num jornal. Duas turistas alemãs (cujos nomes não foram divulgados) passeavam num monte, que julgavam israelita, e foram apanhadas pela guarda de fronteira egípcia. A acusação de espionagem foi rebatida pelas autoridades consulares e dois dias depois - nessa manhã - eram devolvidas ao seu país de férias.

IV - Entre Qumran e Eilat

Muito diferentes são as formas de tomar banho nos dois mares interiores, banhados pelo Jordão, mas ambas consequência do princípio de Arquimedes.

No doce e tranquilíssimo lago a montante, os banhistas deitam-se nas suas cadeiras, apenas deixando emergir a cabeça; a jusante, é o Mar Morto e a grande concentração salina torna impossível o mergulho: a linha de flutuação força então o torax e o abdómen; os turistas encolhidos rodopiam como bolas de praia.

Nos sistemas físicos, o calor flui do quente para o frio, tendendo para a uniformidade com a entropia. Tornava-se pois natural que os dois lagos convergissem para uma salinidade média.

Mas, aqui, é o pequeníssimo Jordão, qual demónio de Maxwell, que leva Tiberlades a acumular o sal que já não tem, no outro mar, e nas estátuas que o cercam, desde a fuga de Lod.

Da Arte, Dimensionalidade e Tempo

I - As artes plásticas

A pintura (que em si inclui a gravura e o desenho) distinguir-se-á doravante da escultura (*y compris* o baixo-relevo, e a cerâmica) pelo facto de o seu suporte ter 2, e não 3, dimensões. O pormenor da côr é, para o efeito, irrelevante: grande parte da arte oriental é a branco e preto - a tinta da China; e sabemos também que as estátuas da antiguidade clássica eram pintadas...

Se à escultura juntarmos a vivência temporal (4^a dimensão), e lhe anexarmos uma mudança de escala⁵⁷ - que deixará de ser a do homem, para poder contê-lo - obtemos a arquitectura (ampliando, aparecem o urbanismo e a ecologia). Notemos como, em qualquer destas artes, se pode livremente

57 O que não é uma condição suficiente - as cabeças esculpidas de Mount Rushmore, ou as da Ilha da Páscoa, não são Arquitectura.

te optar pelo naturalismo ou abstracionismo - a codificação não é senão uma opção estilística.

II - As artes codificadas

A passagem para a unidimensionalidade no suporte não dá origem a novas formas de expressão artística. Um bastão esculpido, ou a pintura de um fio, não são senão variantes das artes anteriores. Quando muito, podemos pensar que um filamento habilmente retorcido de modo a preencher uma superfície - tecelagem, tapeçaria - constitui uma forma artística, talvez uma arte menor, aqui identificada à pintura.

A dimensão 1 não se encontra nas artes do espaço, mas antes nas do tempo, que é suporte da literatura (e esta inclui a escrita, a fala, porventura o pensamento), e da música.

Ambos se baseiam em codificações e convenções arbitrárias (mais abstractas na linguagem, cheia que é das categorias da linguística; mais naturalistas na expressão musical, como tem sido provado por David Hinsley, ao formalizar os cantos dos pássaros em arte da fuga, ou Jim Nollman, ao dialogar com eles, a partir da sua guitarra.

Nas línguas que são suporte do corpus literário, distinguimos, pelo menos, os géneros prosa e poesia; na música, a transcultural variedade das escalas e harmonias, assim como o contrário destas, nalgumas estéticas contemporâneas.

E vale a pena aqui observar como o acto de recodificar, não é recursivo; isto é, linguagens que permitem reescrever as línguas naturais - o código *Morse*, a linguagem APL, o influxo nervoso⁵⁸, não constituem matéria de expressão artística.

58 Ainda que, neste caso, Rybak haja encontrado um isomorfismo com as linguagens dos tambores africanos.

III - Síntese de outras artes

A música e a literatura sobrepõem-se no canto. A entrada dum factor humano, que, na passagem da escultura à arquitectura trouxe, pela duração, o ganho de uma dimensão, dá, diversamente combinado, origem a outras tantas e novas artes, bem diferenciadas.

Assim, o corpo mais a música produzem a dança; será o teatro a soma do corpo com a literatura, mais o eventual concurso da arquitectura, ou da pintura, no cenário; e a ópera é o canto (=literatura + música) + o corpo + o resíduo plástico do teatro.

A pintura + o corpo é a maquilhagem, tatuagem, as máscaras⁵⁹, a pantomima. Escultura mais corpo recorda um sistema de ensino da dança na Ásia Central, referido por Gurdjieff - as árvores articuladas que fixavam os músculos do corpo das dançarinas nas posições exactas; de um outro ponto de vista, é o objectivo do culturismo. Corpo + arquitectura (que excede a escultura, por uma vivência temporal) resultam numa tecnologia menor, a ergonomia.

Os mestres yamabushi, por outro lado, encontram na caligrafia a síntese da fala com a pintura...

IV - A reversibilidade na 7ª arte

O cinema é a síntese dos vários aspectos pertinentes a cada uma das artes elementares, excepto o volúmico (ainda...).

Niangoran – Bouah estenderia esse morfismo aos próprios tambores...

59 exceto as africanas, aonde o elemento volúmico é essencial (qualidade escultória ou arquitectónica). A transposição dos seus motivos para a dimensão deu forma a um novo estilo – o cubismo.

Tal como algumas outras manifestações artísticas, o cinema inclui a possibilidade de repetição, e são também repetições as simetrias e os ritmos, nas artes plásticas e na música, que permitem também o retorno de temas - tal qual a literatura. São, identicamente, repetições com variação de escala as artes fractais, e o mesmo processo recorrente ocorre no teatro desde Shake speare (no *Hamlet*), assim como em contos de Potocki⁶⁰ e Borges⁶¹ - uma história dentro doutra história.

É, no entanto, apanágio do cinema a possibilidade de reverter o tempo. Dir-se-á que a literatura também o consegue. Fá-lo, porém, metaforicamente: tratar-se-á duma simulação, pela faculdade imaginativa, do trabalho da memória, a imagem do processo psicanalítico.

Enquanto que, em cinema, basta fazer suceder os fotogramas pela ordem inversa. Trata-se, no fundo, de uma consequência do factor da câmara lenta (ou rápida) poder, sem perda de sentido, ter por velocidade qualquer número real, positivo ou negativo.

Note-se que esta invariância não é comum à música, ou ao canto; aqui, a tolerância, de, digamos, 10% na velocidade, é imposta pela percepção auditiva, que de outra forma, entra em cacafonia.

V - Os vários tempos de cada arte

Se resumirmos a complexidade ao mínimo, artes há que necessitam de dois tempos, e outras de 3 ou 4, com um igual

60 Observação que devemos a Piotr Mrosz, em Krakow.

61 nos seus textos anteriormente não coligidos e agora editados na Pleíade, é o próprio Borges que nos sugere uma filiação diferente para este artifício literário.

número de sujeitos necessários à transmissão dos seus objectos.

A pintura, o esboço, o desenho, mas também a escultura, tem a duração associada ao acto de serem feitos, e o momento de contemplação. Os sujeitos de ambos não são os mesmos. Podem ter a separá-los um novo acto artístico, em que o objecto, em princípio único, se vê reproduzido - teremos então duas artes menores, a da falsificação e a da fotografia, que diferem, essencialmente, no suporte material.

Notar-se-á que a fotografia, por não ser necessariamente uma arte, pode dispensar o primeiro momento, de elaboração do objecto; inclui, no entanto, em si, um tempo terceiro, de revelação (que algumas tecnologias tornaram instantâneo, à custa de uma certa perda de qualidade).

A arquitectura envolve já necessariamente três tempos: desenho, construção, habitação, que identicamente correspondem a outras diferenças no personagem - o arquitecto, o operário, o inquilino (o senhorio será aqui uma instância supérflua...).

2 tempos obrigatórios e 1 facultativo (mas quase sempre presente) são os da música e da literatura: - escrita (em ambas), e leitura/execução; o 3º tempo é o reprodução, que em literatura é intermédia entre o escritor e o leitor - trata-se do trabalho do tipógrafo, enquanto que, na música, a gravação, embora simultânea dum execução, obriga a um actor diferente (o sonoplasta), e pressupõe um potencial 4º tempo, de audição - um ouvinte em diferido.

Um pouco paradoxalmente, o canto, quando é espontâneo (apesar de ser a síntese da música com a literatura), pode necessitar de um tempo só. O mesmo fenómeno encontra-se em géneros marginais: o Jazz, os poetas repentistas...

Teatro, ópera e cinema são mais complexos. Neles há:

1) Tempo de escrita

2) de ensaio (teatro, ópera, música sinfónica) - (o maestro) de repetidas tomadas de vista em cinema - (o realizador) escapam a este tempo o género documental e o “cinema vérité” - por exemplo, o de Jean Rouch, aonde o guião emerge a partir das imagens.

3) Apresentação, no teatro e na ópera (o espectáculo)

Montagem, no cinema (um pouco anónimo, mas essencial, este é o 2º tempo do realizador)

4) Projecção, só no cinema.

VI - O tempo de contemplação

Quando o objecto é único (as artes plásticas) trata-se, potencialmente, da eternidade. No entanto, Florence Hetzler muito bem faz notar que parte do que foi arte nos chega hoje com ruína: o que outrora foi objecto arquitectónico, não é agora senão matéria de arqueologia. Por outro lado, mas artes do repetível, aquelas que envolvem o corpo (entre os quais o teatro, a música, o *remake* de alguns filmes), cada encenação envolve uma diferença; assim, diz-se que ao longo dos séculos, a música de Bach terá sido tocada com cada vez maior rapidez; e qualquer tentativa de reconstituição, hoje, dos Carmina Burana, da escanção dos poemas homéricos, ou da música tasmaniana, não é senão uma extrapolação especulativa...

Como encarar esta intromissão de tempo do esquecimento e da reinvenção, no processo artístico? Como Heraclito (e contra Borges) uma manifestação do devir (contra a persistência)?

Talvez não. Nas artes plásticas poderia tratar-se de uma intervenção Schopenhaueriana da vontade despersionalizada: o irreversível envelhecimento das tintas faz com que

hoje, na pintura de Rembrandt e Goya apareçam contrastes que os seus criadores não saberiam sonhar.

Nas artes do corpo, será a indeterminação de um clímax epicurista, que tornará imprevisíveis as representações futuras.

No entanto, abarcar um tempo maior põe um problema mais profundo, e a outra escala: quando o (último ser humano se extinguir à face da Terra, que significado terão para as raças que se seguirem, as pirâmides, os monumentos, as catedrais?

Enfim, as artes sujeitas a multiplicação industrial não tem que se preocupar com o tempo, desde que as matrizes sobrevivam. São, portanto, um pouco mais eternas que as restantes - embora a fragilidade do celulóide haja sido constatada, e o mesmo princípio de economia que fez alguns originais serem únicos torna-os, hoje, pasto para líquens... Todos estes são problemas potencialmente resolvidos pela digitalização e manutenção em suporte electrónico, que é relacional e, portanto, independente do substracto.

VII - Dificuldade de uma classificação estrutural das artes

Da enumeração usual dos sentidos (visão, ouvido, tacto, gosto, olfacto), a que juntaremos as cinestésias, utilizaremos marginalmente o 3º, mas sobretudo as 2 primeiras e a última.

À visão associámos a pintura, o cinema, a fotografia; e, de outra forma, a literatura escrita.

À capacidade de ouvir corresponde a música. Se dermos lugar à ideia de falar, encontraremos o canto e a literatura oral.

Ao tacto, pelo facto de se considerar a textura, pode-se fazer corresponder (quicá imperfeitamente), a arquitectura, decoração, cerâmica, tecelagem. Uma mais cabal explora-

ção dos recursos tácteis levar-nos-ia a seguir Ovídio e a sua *Ars Amandi*; não o faremos aqui.

A cenestesia torna possíveis dança, teatro e também as artes marciais - por extensão destas, a arte da guerra.

Faltam pois, no nosso esquema, as artes que não estão ligadas a tempo e espaço (a não ser os internos às cavidades faciais): a culinária e a perfumaria.

Ficam, também, de fora correntes estéticas (rejeitadas como menores) que violam a distinção entre artista e espectador do objecto de arte, fazendo uma colagem contra natureza dos 2 tempos, eliminando o objectivo último em toda a arte, que é a contemplação: a *performance*, o *happening*, a *op-art*, o teatro da intervenção (se a este anexássemos a literatura oral autobiográfica, teríamos encontrado o lugar geométrico da grupoanálise, que não é forçosamente uma arte...). Tão-pouco nos preocuparão o tema levantado por Lyotard, de uma síntese multimedia, suporte electrónico mais trajecto pessoal num espaço museológico - referimo-nos à exposição *Les Immatériaux*, que teve lugar no Centro Georges Pompidou. Tratou-se duma experiência com o valor de um contra-exemplo - não permite generalizações.

Porém, a insatisfação maior que nos resta vem de outro lado. A classificação proposta dicotomiza o essencial, mas não o distingue do acessório: Os mesmos argumentos dão lugar às artes clássicas, mas também a formas artesanais e a tecnologias.

Talvez haja que concluir que Arte, ao contrário de Ciência - como Jean Petitot vem apontando - é a razão histórica que é constitutiva das objectividades. Em antinomia, Maria Golaszewska procurou identificar campo artístico com o das ciências naturais.

O que repõe um problema actual e sempre vivo - o da objectividade⁶² da Arte, de que falava Gurdjieff.

62 a que Gheebant parece ter respondido parcialmente, ao constatar o apreço dos guaharibos por Mozart.

Con Los Pobres de la Tierra

20 Anos Depois

Interrompem-se neste volume inacabado, de forma tão súbita como a sua tempestuosa existência, os numerosos escritos do nosso Grande Mestre.

Tive ocasião de compartilhar as suas derradeiras semanas, após termos apresentado o *joint paper* «O mito de Uroboros e os cinco continentes», no seminário de Epistemologia de Istambul. Seguimos viagem, acompanhados pelo anfitrião, o Professor Deoman Turani.

Depois de visitarmos as gigantescas ruínas de Nemrut-Dag, e de inaugurarmos o Departamento de Filosofia Islâmica do Curdistão, em Diarbakir (onde pernoitámos no Lal Bazar), dirigimo-nos ao Monte Ararat, munidos das indicações cedidas por Michael Collins, que hoje permitem situar com total precisão o paradeiro da Arca de Noé.

Não chegámos tão longe quanto o astronauta. Numa das inúmeras refregas fronteiriças, uma bala perdida e arménia, de calibre 38, ceifou-lhe a larga testa.

Ainda tivemos tempo de conversar no montanhoso nevão. Fermín comparou o seu destino ao de Soloviev, devorado pelos camelos no Gobi. Não quis receber a extrema unção, mas um sacerdote de rito arménio acorreu e impôs-se. Fomos três - Sarkis, o padre, Deoman e aquele que escreve estas linhas, a dar-lhe sepultura.

No dia seguinte (25 de Julho de 1995) teve honras militares prestadas pelo pelotão arménio, e o soldado que o abateu foi publicamente chicoteado. Um mês depois, Ambartsumian elogiou, na Academia de Ciências de Yerevan, os seus relevantes contributos para a teoria da rotação do horizonte dos “black holes”.

Toda uma geração de estudiosos será necessária para fixar o texto das suas numerosas entrevistas, vídeos, manuscritos e gravações.

Tornou-se, entretanto, para nós que o acompanhámos, um imperativo moral dar conta dos manuscritos que ele trazia em mãos, e das vastas ideias que nos foi expondo pelo caminho.

Havia reagido por fim, às críticas de T.M.G., e preparava uma terceira impressão do seu derradeiro livro sobre o Oriente, substancialmente alterado.

No texto que hoje nos honramos de apresentar, e que ele via como um prolongamento de Anzana y Regallo mas também de De Quincey⁶³ há um diferencial entre os contos e

63 que ele considerava o mais nobre dos filhos da Velha Albion, e cuja influência tentou disfarçar atrás de um verso de José Martí (T.Q.B.).

ensaios acabados (ainda que despojados das necessárias notas de erudição) e o índice, mais completo.

Em «A experiência da heteronímia» pretendeu traçar um retrato do malogrado poeta e revolucionário Anzana y Regallo, e do convívio que tiveram na Universidade de La Playa. «O maravilhoso realista» é a história da criação desse estilo literário, que poucos conheceram, por aquele grande poeta, durante a ascensão de Khomeiny. «Nicolau e Jeremias» teria sido a comparação do destino de dois Homens de Estado que viveram as duras convulsões da história em contextos aonde ambos detinham a supremacia intelectual, que aliaram ao desfecho político.

O leitor terá adivinhado tratar-se de Bukharin e de Chitunda.

«O homem que matou» (uma pouco subtil referência ao filme de John Ford) é a narrativa circunstanciada de como foi possível a Luigi T. Delcano tolher, por interposta pessoa, à promissora e fulgurante carreira científica de Anna Croce.

«A Cor do Twingo» trata de atribuição de prémios em concursos, (imaginários mas plausíveis), e de escolher a cor na capa de um livro, em deliberação unânime com Hernán Mano de Hierro.

O capítulo «Viagem» está muito mais substancialmente atrasado. Quiçá o autor desejasse reestruturá-lo, após encontrar-se com a Arca.

«The Long Line» é um remake da jornada empreendida por Alexandroff e Urysohn e, simultaneamente, uma descrição literária de alguns fractais.

«The Acid Queene» inclui um estudo sobre a presença e a ausência do princípio feminino, ou Shakti, no uso ritual de alucinogéneos.

«Calcutta» é a história dos seus encontros com Madre Teresa, aquando da queda de Gorbatchov.

«Beatriz e Ulrika» descreve duas mulheres que estão presentes, ainda que envolvidas por simbolismos antagônicos, na pouco numerosa prosa de Borges.

«O Precursor Olvidado» é uma demonstração do conhecimento, pelo mestre argentino, de uma novela de Belknap Long.

Enfim, «O bom ladrão» conta todos os roubos de que foi vítima, desde o festival da ilha de Wight.

Transportava também o manuscrito (que preciosamente conservamos) de outra obra, «A antecipação do Bardo», onde defende, à luz da sabedoria tibetana e jaina, ser o único acto de liberdade acessível ao homem o da escolha do instante da sua morte: trata-se de uma incitação ao suicídio, no espírito do ensinamento de Mahavira. Liberdade essa que Fermín não conheceu, ao desaparecer tão prematuramente.

Preparava enfim, um estudo sobre os feitos dos 4 mestres do guru de A. Desjardins: a formiga, a cabra⁶⁴, o louco e o homem — misteriosamente relacionados com a trágica sorte de Dalida.

Devorava-o ainda a ânsia de responder a um desafio de Michel Random, que era um pouco o da Palavra Perdida, e de reconstituir as conversas que ninguém ouviu (pensava fazê-lo por clarividência): os diálogos entre Bolívar e San Martín; Gurdjieff e Stalin; Ferenczi e Koestler; Franco e Hitler, assim como aquele que não teve lugar entre Segalen e Gauguin.

Não começara tão pouco a preparar o seu autorizado comentário aos trabalhos de Dietrich Zur Linde e de Ulrike, subordinados ao tema “Mestre, o teu ensinamento”. Tão pouco encetara ainda o prometido estudo comparati-

64 uma versão budista de idêntico mito é exposta nas reencarnações de Drolma por A. David-Neel no seu “Le Lama des Cinq Sagesses” (T.Q.B.).

vo, à luz da sociobiologia, sobre o sexo, a raça e a vontade nas obras de Schopenhauer, Kropotkin, Werner Steinein e Jesus Hendrigo.

Com este volume, desejamos fazer chegar ao crescente número dos seus discípulos a obra inacabada que acompanhou os derradeiros passos do autor. Numa próxima (antevê-se breve) publicação, completar-se-á uma transliteração, quando possível, dos manuscritos acima referidos.

Agradecemos ao Ctulhu Museum e a Miskatonic University haverem-nos posto à disposição alguns documentos inéditos, assim como o copyright; e ao Patriarcado Autocéfalo de Nakitchevan o secretariado, sem o qual a presente e modesta edição não estaria disponível hoje.

Tran Quang Binh

De Profundis

No fundo, durante toda a vida, no foi senão um tímido. Aos 14 anos, decidiu vencer-se. Nessa semana, foi acampar pela primeira vez, e rebolou pelo chão pedregoso da tenda, sem conciliar o sono.

Até ao dia em que morreu, despojado da glória que sonhara, a sua vida levou-o a inúmeros combates, às vezes premiados de pequeníssimas vitórias. De tal forma que, nos anos derradeiros, derramava uma discreta auto-confiança com que sabia (mas nem sempre) ajudar os outros.

Na sequência desses anos juvenis, aprendeu a natação na piscina de um transatlântico; em África tentou iniciar-se na arte equestre, e foi uma dessas quedas de principiante que originou a inflamação degenerada em cancro, que soube manter secreto até dele ser vítima.

Aprendeu a remar, e foi patrão de vela (jamais, contudo, soube compreender os cambiantes do windsurfing); mais

tarde, comandou embarcações em alto mar, felizmente apaziguado. Nas Caraíbas mergulhou, e também no Mar Vermelho.

Um dia fez-se sócio de um clube, e fê-lo para tirar carta de mergulhador. E foi reprovando meses a fio, nos preliminares da piscina, donde, algumas duas vezes extraiu dolorosa otite. A vida habituara-o a insucessos desse género. Jamais conseguiu a carta de motorizada, e só por sorte passou no exame de código - assim como no de patrão de vela.

Foram os estudantes de Antropologia, uma ínclita geração de intelectuais da Complutense (hoje desempregados), quem o levou a perseverar, e um ano mais tarde, a propor-se a exame. Por si próprio, ter-se-ia acabrunhado e desistido.

Guiava na altura um carro de 73, hoje impedido, por normas internacionais, de galgar as auto-estradas europeias.

Tinha as garrafas consigo. Soergueu-as da mala do vagaroso bólido e bateu à porta do clube, - esta manteve-se fechada. Protestou entre dentes. Voltou a fazer-se ao trânsito, o carro aquecia, e parou de vez.

Era noite. Não recebeu boleia. A pé chegou ao Automóvel Clube, e tornou-se sócio por um efêmero ano. Ao bater das 12 badaladas, foram rebocá-lo, mas o automóvel pegou. Coube-lhe remunerar o inútil camionista, e continuar sozinho.

O dia seguinte era sábado, e antes do exame foi encher as garrafas a um posto de gasolina. Alguém avisou que tomasse cuidado, que eles eram ciganos; ele reagiu dizendo que não era racista, e não o foi. Deu ar às garrafas, pagou, foi pontual à chegada ao barco, partindo com os colegas de curso.

O fato — herdado de Joe Galifano, a quem já não servia⁶⁵— começava a ficar-lhe justo. Vencia ele já o seu se-

65 elegante na juventude, dançarino de tangos, foi entre todos o primeiro a engordar (T.Q.B.).

gundo ciclo de vida - jovem e doente, fora magro e esguio; depois alargou e julgava-se atlético. Nesses tempos, elegeram-no capitão de equipe na Complutense (até ao fim, e mau grado a condecoração da Grã-Cruz da Alva-Rosa que obteve, e os públicos louvores, sempre considerou ser esta eleição a maior honra da sua vida). Agora, quase sem desgosto, degenerava em pícnico. Assim o recordam aqueles que - como eu - o viram no dia em que veio a morrer. Não guardo saudade dessa sua imagem.

Saltou para trás, cuspiu lavando os óculos, e no meio da fila, por uma corda, desceu até ao fundo. O exame passava-se a 30 metros, e o procedimento era o usual. Formavam um círculo, à imagem de Stonehenge, em volta do professor. Acima, colegas mais antigos - os anjos da guarda - pairavam em vigia.

Havia que tirar e pôr os óculos, desamarrar as garrafas e passá-las à frente - inútil exercício, para quem só aspirava ao convívio dos seláceos e corais...

Enfim, o de pedir e dar ar. Já então sentia dificuldade na respiração. O professor inspirou pelo tubo dele, e fixou-o com um penetrante olhar. Fez o gesto redondo com os dedos, a perguntar se tudo ia bem. Respondeu que sim, numa mímica idêntica. O mestre ajustou a abertura do regulador para sair mais gás, e foi examinar outros colegas. O oxigénio continuava a faltar. Mas ele não ia dar nas vistas em pleno exame - era demasiado tímido e incapaz de confessar as dificuldades.

Então respirou água, duas boas goladas, e começou a tossir. Mais que a asfixia, custou-lhe vencer essa barreira interior, e fazer o sinal da guilhotina.

Foi então que todos perceberam que era a sério. O leitor habituado às coisas do mar saberá que nestas ocasiões a morte é certa: na água, por asfixia, o à superfície, por embo-

lia. O exame acabou ali. Vigilante, acorreu um anjo, e subiram abraçados. Ele ia afogueado, respirava três vezes e não duas, atormentado pelo regulamento que não cumpria⁶⁶. Respeitavam os patamares de descompressão. Lá em cima soube que passara no exame, e de novo mergulhou, a nadar como um golfinho⁶⁷. Foi assim que terminou a sua prova.

Ainda hoje, nas classes de mergulho essa história é contada, para dizer aos noviços que os da bomba de gasolina são ciganos mesmo a sério.

Outras vezes viria a escapar à morte por afogamento. Por exemplo, muito antes disso, foi recuperado por um barco na corrente, quando já desistia de vencer a nado a distância entre dois ilhéus (o dos pássaros e o dos padres). Sempre recorreu desde então como as crianças se riam ao vê-lo partir. No fim da vida, ficava em terra por respeito ao mar, deixando de mergulhar, e até de ir à piscina. Fumava cachimbadas em dias de maré cheia...

Mas quando nos contava esse momento a 30 metros de fundura, em que o ar faltava e a água sobreveio, não era no exame nem na tosse que detinha a sua estranha maneira de narrar; era nos considerandos, na dificuldade de vencer a terrível barreira de chamar a si a atenção de mais gente. No fundo – soube-o sempre - a timidez não tem remédio.

66 e sentindo que a aprovação estava em risco (T.Q.B.).

67 um dos raros gestos de satisfação que algum dia lhes conhecemos (F.J.M.).

Rosalba/Simferopol

I - Todos recordarão a aparição, pelo fim dessa noite televisiva e unânime, da Junta que deu termo à sangrenta ditadura de Macias Nguemo. Uma figura que deixou controversa memória nas nações africanas apareceu aí, pela primeira vez, defronte às câmaras. Calvo e sorridente, como um bonzo de Tashi-Lumpo, tratava-se do almirante Rosalba Catanõn.

II - A Crimeia só ganhou honras de notícia quando o mais irrelevante dos czares do Kremlin aí foi vergenhosamente sitiado, na Praia de Foros.

Tinha sido, antes dele, um dos lugares de vilegiatura dos privilegiados dos regimes socialistas. Enviados de partidos irmãos iam a banhos de mar ou águas termais à feliz cidadezinha de Simferopol. Fui um deles. Preocupava-me então

a adiposidade e algum cálculo renal. De dia, era obediente e misturava a tortura fisioterapêutica com os banhos de lama. À noite, vingávamo-nos alternando o vodka com champagne.

III - Havíamos passado os cumes nevados do Taurus porque em Yalta - lugar tão propício como Tordesilhas para repartir o mundo - íamos justamente tentar unificá-lo. O almoço de despedida de Rosalba foi o mais internacionalista dos eventos.⁶⁸ Começou ao meio-dia, com a inauguração de um barco a remos, o Mona-Lisa. A garrafa estilhada a bombordo foi a primeira de muitas que sacrificámos à pátria de cada um dos convivas, entre os esturjões e caviar. Antes do sol posto, mergulhei de novo – fizera-o a tarde inteira.

Flutuava, indigesto, na noite que se seguia. Não tinham fogos de praia. Fiquei sem saber - e também sem interesse - como voltar. Só depois percebi quão próximo a morte rondara.

IV - O eco duma respiração arfante chegou às margens. No lusco-fusco, deram-se pela falta de um dos convidados de honra. As senhoras preocupam-se; os cavalheiros, alguns de fato, fizeram-se à água num ápice.

V - Recordo, numa espécie do sonho, a visão do luzidio crânio de Rosalba, risonho com o reflexo da Lua que então surgia.

Fui transportado a vários braços, e só recobrei consciência depois de friccionado com bastante vodka.

68 recordemos a presença de General Velasco, de Gonzalo Felipe, do representante da Frelimo, e dos veteranos da Sierra Maestra e do Afeganistão (F.J.M.).

E ensinaram-me a nadar com os óculos atados em elásticos, e a não fazê-lo durante as refeições. A boa disposição continuou até ao fim da festa, e o almirante foi novamente aclamado como herói que era.

VI - Muitas vezes mais me atormentaram os rins, e a jusante. Sem esforço, voltou à celulite. Não houve mais vilegiaturas. Outros inquilinos se sucedem nas *datchas* ribeirinhas. Da Sibéria regressam os tártaros. Não sei mais nada de Rosalba. Estou velho. Esta história, há anos contada como heróica, cai hoje no descrédito. Quero confiá-la às páginas amarelecidas, para que me sobreviva.

Rozabal/Srinagar

I – Desengana-te, leitor amigo, não se trata de um “re-make” do “Citizen Kane”. Vais ouvir falar de uma viagem a um país aonde hoje ninguém pode voltar. E da história dum encontro que não se deu.

II - Chegávamos a Delhi via Amsterdam. O jumbo vinha de Londres, preenchido por horas de atraso. Na indiscutível confusão que resultou do “overbooking”, recordo um sikh explicando como na Índia tudo é barato, e por rúpia e meia é sempre possível obter um telhado, «that might or might not fall during your sleep».

A cortesia de outro sikh - o comissário – valeu-nos um lugar em classe executiva, uma refeição vegetariana e excelente - a última em condições dessa viagem - e o álcool

gratuito que trouxe consigo o aturdimento das 24 horas que se seguiram.

III - Não é tão racional em Delhi ir para Connaught Circus, como em Londres para Piccadilly. Primeiras impressões — um sujeito com cartão trilingue a dar massagens com os pés; um motociclista que oferecia uma laranjada a quem quisesse ir para a Caxemira. Guardo o seu cartão e vou ver o Gandhi Memorial - onde não se encontra traço de Lanza del Vasto, o mestre a quem segui na juventude.

Volto a essa viela perto de Connaught, mostro o cartão, compro a viagem para partir à noite. Então revejo o motociclista, e a custo desfazemos o *quiproquo*. Uma agenda rival havia-nos defraudado. Tomam, entre clamores ofendidos, o bilhete e substituem-no por um “houseboat” melhor, o Golden Eagle.

VI - Partimos à aventura, pelo Pundjab então em guerra. Relembro o desconfortável assento sobre o pneu, e o fraternal conselho dos passageiros ingleses, revendo-se no meu sofrimento: «kick them off» referindo-se aos Indianos⁶⁹. Revejo a absurda visão de um *saddhu* sentado num *tchaikané* com o à-vontade de um turista na Plaza Mayor.

A cada paragem saía, duma outra camioneta, um gigantesco índio americano que ia empreender a caminhada a pé de Ladakh a Manali , apesar das derrocadas de pedras. Ganhou-me pela noite fora, todas as partidas de xadrez que jogámos. Despedimo-nos, dias mais tarde, num encontro

69 conselho que alguém com a estatura de Fermín jamais seguiria (T.Q.B.).

de camionetas, a caminho de Pahalgam. E aqui interrompo para lembrar o inesquecível hotel com *courts* de golfe, a mesquita ao ar livre de onde todas as abluções eram visíveis, as velhas rapaces a quem dou uma nota ensopada em suor, que elas cheiram com voraz emoção (não distingui se era cupidez ou luxúria), enquanto cacarejavam como carpideiras do «Zorba».

A meio da noite, atrasados, ninguém idóneo nos recebe em Srinagar. Seguimos noite fora, recusando barcos sucessivos, e de manhã cedo, em audiência com o presidente do Sindicato dos Barqueiros reclamámos indemnização, mas também lugar no nosso barco - o Golden Eagle - e ainda que este mudasse de sítio. Só cessei exigências quando mo indicaram. Rufik, o anfitrião, foi soberanamente cortês - «thank God you arrived».

V - Não descreverei o luxo asiático nem a calmaria do lago Dal, que já todos viram no cinema. As águas enoveladas de lótus e nenúfares; jardins flutuantes, onde é imprudente marchar; silenciosas figuras de mulher com *purdah*, à proa de barcos. Recordo o apedrejamento diante da mesquita com o pelo da barba do Profeta - «because you are naked». - e a tempestade longe da aldeia, com a shikara ancorada em um pântano, na minha única experiência de “water trekking” - onde, sem conciliar o sono, temi⁷⁰ morrer.

Não simpatizei com o “feeling” comercial daquela gente; para evitar pagar um táxi, não visitei Shalimar nem o túmulo de Shankara, fronteiro ao Golden Eagle; tão pouco aceitei as propostas de pagar agora 1/3, e o resto «on deliverance» na Europa, ao vendedor de tecidos, o mais amável dos ca-

70

muitas vezes o desejara antes, e também depois (F.J.M.).

valheiros. Tudo isso soava a mais um americanismo⁷¹. E foi impossível explicar, e fazer-me entender, que queria visitar o túmulo de Cristo descrito no velho incunábulo do príncipe Notovitch, de que conheci o privilégio de folhear um volume na Biblioteca Nacional de Paris. Ninguém sabia, ou queria, compreender.

Passam cinco anos! É preciso desfolhar a revista «Más Allá» no número dedicado a Cristo, para ver esse túmulo, já incinerado pela guerra fratricida, o Rozabal, e reconhecer, com a surpresa dos ingénuos, na figura de Basharat Salim, o último descendente vivo da posteridade de Jesus, o semblante do amável mercador de tecidos.

Estar tão perto do Mestre sem o saber — e discutir futilidades.

Recordo aliás, a noite derradeira, o ambiente tempestuoso, a discussão à saída do barco, o perder-nos no lusco-fusco, as persianas caídas das lojas, a última visita, tentada e falhada, ao mercador.

Cruzámo-nos, nesses meandros, com um *saddhuzinho* de olhos brilhantes e sem os dentes da frente. Recordo a sua chaga purulenta e o dinheiro que não lhe dei — com que rai-va se rejeitam os pobres da Índia depois de se verem muitos já que todos parecem moscas...

VI - A viagem continuou. Hrishikesh e Hardwar, aonde debalde falei de Shantidas a brâmanes, antropólogos, sacerdotes e nagas, que não tinham qualquer interesse nisso. A chuvada na fronteira do Nepal; a caçada ao rinoceronte, a dorso de elefante.

71 trágico destino – ir à Índia e encontrar a América, que todos aprendemos no Vietnam (T.Q.B.).

Entretanto, a guerra em Srinagar havia começado, e até hoje não teve termo. A aterragem em Bombay, e os alarmados telefonemas familiares fizeram-me saber que havia escapado ao terramoto em Katmandu, em cujo casino ganhei 100 dólares; enfim, o avião atrasado para Goa, porque Zia-ul-Haq acabava de tombar do seu voo, e o estado de alerta era máximo.

Não liguei a este rol de desgraças. Até me regozijo com a última, sempre que vi Benazir passar, como na posse de Mandela.

Não encontrei Jesus, nem o seu túmulo; não o reconheci, nem ao seu descendente. Ele não se me mostrou, o que é quiçá imperdoável; a cada um dos meus passos, desde então, segue-se uma tristeza ou um desgosto, onde geralmente são os outros que choram em grandes clamores...

A Índia que vi não a de Lanza nem a de Keyserling. Optei por não voltar até ao fim do milénio. E já Fermín quase não sou, agora que vivo retirado e quieto, padecendo com adiposa resignação uma provecta idade.

O Outro Lado

A certo passo, Borges falou de um disco que só tem uma face. A alusão à superfície de Möbius é a mais óbvia; e torna-se subtil reconhecer como a vida é⁷²¹ assim. Por isso vou agora contar a outra face da narração anterior.

Passaram dois milénios e Ele voltava. Escolhera evitar a antiga Galileia, a braços hoje com a revolta dos filhos dos Samaritanos. Optou por retomar aqueles povos e locais que amou no fim da existência terrena, as infinitas montanhas e os longos rios do Industão - Incógnito, soube viver a prazenteira infância descendo por uma margem e subindo por outra aquele Deus, que é também um rio e uma Mãe e que nasce em Gangotri. Depois subiu ao Kailash, e em Agosto, numa noite de Lua cheia, juntou-se aos shivaitas de várias raças, a adorar o *lingam* em Amarnath.

72 geralmente (F.J.M.); em função do Karma (T.Q.B.).

Ganhara forças e poderes sobrenaturais, que ofuscavam aqueles carismas de que nos fala a Vulgata. Era a sua segunda tentativa sobre a Terra, e desta vez nem Ben Karioth, Cai-fás e Pilatos, todos juntos, teriam forças para o contrariar.

Não esqueceu como a crucificação o debilitara, e os anos derradeiros com Madalena e Maria haviam sido ausentes da sua missão - o Pai abandonara-o⁷³, de facto, em Golgotha.

Recordava com saudades -o que não é vedado aos deuses - as frondosas margens do Dal. Sabia - não havia aliás nada que ignorasse - que a sua nobre linhagem, outrora forte de Carlos Magno e Godofredo de Bulhões, se extinguia por fim, e antes de realizar a seu dever desejou rever o sangue do seu sangue - Basharat Salim -, e o venerado Rozabal, onde repousavam os ossos que noutra existência haviam sido seus.

Alegrava-se, à vista do clarão das luzes da Cidade. Clares maiores, entretanto, se sucediam.

A tempestade assolava os pântanos e ia virando os pequenos botes. Na escuridão que fica entre o ofuscamento de dois relâmpagos, dá um passo em frente e cai.

A dúvida atravessou-o: tê-lo-ia o Pai abandonado uma vez mais?

Confirmou-o ao prosseguir por mais um dia — os dentes destroçados já nem doíam, a perna começava a gangrenar.

Chega tarde a Srinagar. Já não entreviu Basharat, corridas que estavam as persianas.

Jogou então a Sua última chance, tentou balbuciar em inglês para outros dois, que pelo som lhe pareceram da zona de Finisterra. Foram do género de Pilatos — deram-lhe o modesto óbulo de alguma palavra ou sílaba, mas não a rú-

73 não se sabe se algum dia Lhe explicou porquê (F.J.M.).

pia, remédio ou sopa de que necessitava para prosseguir a sua missão inacabada.

Aliás eram sempre os mesmos, estes publicanos - não haviam mudado em vinte séculos; ainda lhes disse «never mind» para aliviar os seus eventuais escrúpulos de consciência, como se pudessem existir...

Sabia que era a noite derradeira e, como em Gethsemani, estava só. Não veria Basharat nem as fotos da sua prole. Amanhã o Pai recebê-lo-ia à sua mão direita, como sempre o fez.

Recolheu ao portal do Rozabal e deixou-se esvair. Outros dois milénios haveria a raça humana de penar e esperar pelo Redentor.

Thanksgiving

Tudo se passou nas regiões pantanosas do Rio Sepik, naquela tribo de canibais irascíveis que sem piedade deram destino ao corpo e a alma do jovem Rockefeller. Recordavam ainda os Asmat, nas suas esculpidas carrancas de proa, do tipo das que se podem ver no Museu junto ao Central Park, os helicópteros e exércitos que lá passaram nas atribuladas semanas seguintes — e os chorudos negócios feitos com brancos e negros, militares e colecionadores de arte.

Depois, deixaram de vir estrangeiros durante uma década. Foi no início dos anos 80. A chuva começava. Armand chegou então. Chamavam-lhe T.M.G., pois vivera em Greenwich, e desde aí conservou milimétrica pontualidade. As suas referências eram as melhores — havia estudado com Karl Popper. Viera para doutorar-se, era “fellow” em Cambridge, tinha uma bolsa do World Wildlife Fund.

Despia-se e desalterava-se numa queda de água. Lanza del Vasto chama «légume de cave» à cor dos ocidentais quando chegam aos trópicos. Foi esta tonalidade a responsável pela ideia, comum aos espectadores Asmat, que se tratava de um espírito. Dez flechas estiveram apontadas na sua direção, escondidas pelos arbustos. Armand jura que não enxergou vivalma.

Nesses breves momentos — talvez uma dúzia de minutos — teve a vida em suspenso. A morte de um homem jamais repugnou aos Asmat, mas era um tratamento de favor de que excluam agora os ocidentais — se o culpado da morte de Rockefeller se houvesse declarado, a punição teria sido exemplar. Quanto a um espírito, era um dever de honra destruí-lo cabalmente. A dúvida entre as duas hipóteses fê-los hesitar⁷⁴.

Fiel aos seus hábitos, T.M.G. ligou o gravador para ouvir os Led Zeppelin. Foi aí que, aos olhos dos Asmat, se fez humano. Os ferozes caçadores saíram do seu refúgio. Trocaram presentes e sinais de amizade, por entre os roucos murmúrios e imprecações que cobriam a música gravada.

Dois anos ficou na selva. Participou em expedições náuticas e guerreiras. Diz-me (e acredito) — que não comeu carne humana.

Da sua sobrevivência a essa aventureira tarde restam as seguintes consequências:

- Um novo estilo musical, entre os cantos de combate Asmat e o rock desses anos gloriosos;
- Uma monografia defendida *summa cum laude* em Paris, e com glória superior depois de reescrita em Manila, com referências etno-oníricas;

74 Buridan teorizou (e parece ter resolvido) idêntico problema (F.J.M.).

- A conhecida sequência de conferências, aonde é defendida a racionalidade de caça às cabeças;
- Intervenções em dois continentes sobre as determinações tribais nas modernas literaturas africana e melanésia;
- Um plano de acção cultural no mundo, cujo orçamento foi adjudicado pelo governo de Gonzalez;
- Variados fins de semana passados a coleccionar ovos de dinossauro;
- O nascimento, nos fiords da Noruega, Constanza, Eleanor e Franz;
- Enfim, «last and least», a única sequência de críticas consistentes, normalizadoras, geralmente não cumpridas⁷⁵, que Fermín Jesus Menendez recebeu a edição original do seu livro. A sugestão de substituir o seu nome de baptismo — (julgado feio e não borgesiano) — por um pseudónimo de outra nação, que ele não visitou; a tradução da sua imagem de quase yogi tibetano, pela de um intelectual basco ou argentino; o maior equilíbrio e a menor densidade; a decifração das personagens numa lógica coerente, ao contrário da vida.

Conselhos que Fermín agradece, mas que não vai cumprir⁷⁶.

75 nem a morte sarou esta divergência. O presente texto foi considerado por T.M.G. como egocêntrico e megalómano (T.Q.B.)

76 mais tarde, implementou parte delas, num ilegível documento que os paleógrafos não souberam decifrar; havia sido canhoto na infância, a sua caligrafia dextra não era lida. (T.Q.B.).

Aquipélago

Sal

— «Escapara aos duros anos de fome, e seguiu para o Príncipe como serviçal. Antes de voltar, perdeu a família. Sem sair de casa soube da independência, e deslocou-se uma só vez ao aeroporto, a contemplar o Concorde.

Os registos provavam que a 19 de Janeiro, fazia 100 anos, de S. Vicente deslocou-se o repórter da Rádio Nova, a entrevistá-lo.

Falaram ao pequeno almoço⁷⁷, e foi transmitido e difundido pela hora do jantar. Ao ouvir a sua voz na Rádio. Asustou-se e morreu.

Contou-me a história um taxista. O repórter ainda hoje vai ao psiquiatra...»

- «Mas porquê? ele não teve culpa!».

77 com grog e cachupa (F.J.M.).

São Nicolau

Irineu ainda recordava o futebol jogado com os deportados, na noite em que bebeu grogue até morrer. Rezaram-lhe missa, e, carinhosamente, a viúva ajeitou-lhe no esquife uma garrafa de bom rum de 7 anos.

Outros 7 passaram, até que foi exumado, já não sei contar porquê⁷⁸.

Januário Semedo lembrava-se da garrafa. Entre os ossos foi encontrar o licor e festivo bebeu com votos de paz a Irineu e à sua alma. Rum de morto morrido é melhor que o de morto matado.

Santo Antão

Era grande e forte o nobre cavaleiro. Usava barba e cabeleira como Demis Russos. Na frondosa plantação nunca faltou comida nem grogue a quem viesse.

Sabia que a morte estava perto. Ofereceu dez litros de rum à vizinhança, pediu que com grogue lhe regassem o caixão, e declarou desejar morrer fusco. Bebeu meia de whisky e 6 ovos crus. Ao fim de meio dia de coma, encerraram-no no ataúde.

Eis que uma voz forte se impôs «Abram, que António Elias está vivo!». E saiu em força. Logo comeu caldos de peixe, de galinha e de cabrito.

Viveu e cavalgou um bom par de anos mais.

78 fala-se de algum ritual de magia brasileira (T.Q.B.).

Santiago

Era Rabelado e filho de Rabelado. Sabia de cor a Bíblia, e administrava os sacramentos. Era fiel à sua bandeira, e mal compreendeu a proclamação da independência. Evitou enquanto pôde contactar os novos senhores da Praia, cujos padres inspiram desconfianças.

Até que chegou o novo deputado, um homem bom, tantos anos presos no vizinho Tarrafal. Ficaram amigos. Lineu Miranda viu a pobreza e prometeu ajudar.

«Não vale a pena - disse o Mais Velho - o que tem dá para mais um ano».

No mês seguinte, choveu em abundância.

Brava

— «Quando beberes a água de Vinagre perderás a vontade de regressar à América Latina!».

Assim o fiz. Na já danificada nascente a que cheguei por atalhos, bebi e quis partir a pé pelas arribas, até ao porto em que acostara, doutra vez, tantos anos antes.

O Sol calcinava. Abri a camisa e dormitei. Adivinhava a chegada de crianças, com “jerricans” de água, que subitamente desatam a correr para trás, em algazarra.

Levanto-me a prosseguir a marcha. Vem um grupo de homens e mulheres, com ar decidido. Surpreendo-os ao cumprimentá-los, e é timidamente que se retiram e dispersam.

Ouçó sussuros «deve ser estrangeiro!», «Está vivo!»...

De boleia retorno a Nova Sintra. Todos já da sabiam da história, e fico vaidoso de poder dizer quem foi o herói.

Fogo

1) Só uma vez na vida sofri um ritual de iniciação. Havia que beber suco de tambarino por um vaso com o pescoço de girafa. tentei e fiquei esparrinhado. Depois, cantei de galo.

Assim fiquei, pela vida adiante, membro do Clube dos Galos, que jamais voltou a reunir.

2) Só na conferência de Umberto Eco ouvi o Alexandrino dizer que trazia um prego na lapela, e que a única obrigação dos membros desse clube era de conversar quando se vissem⁷⁹.

Mais não soube, porque o Eco invectivou-o, e a Fundação o excluiu em ignomínia.

3) Recordo a todos quantos nessa época visitavam a casa de Euclides – que então chegava de um império em ruínas, escapado a uma carga de elefantes, e hoje é arquitecto no Brasil - aonde agora um restaurante que serve de jazida; o médico com figura de Corto Maltese; a sua lindíssima chilena; o antropólogo especializado em venenos, que ensinava ilusionismo; Zuca, o mais profundo conhecedor da ilha; Lucindo, o religioso jogador de Oril.

79 exibem idêntico modo de agir os videntes judeus ou cristãos, e os que foram contactados por discos voadores (T.Q.B.).

Voltei de helicóptero. Em Mosteiros fazia nevoeiro. A praia continuava negra. Do vulcão para baixo, furámos dois pneus. Íamos então ébrios de manecom.

Mas não voltei mais a cantar de galo.

Neiges D'Antan

Sou velho e gordo, quase careca. Fui ladrão e fui poeta⁸⁰. Esperam-me a dolorosa lentidão desse túnel ao fundo do qual não desejo ver a luz da eternidade; pois, se a enxergar, temo a implacável danação, porque fiz sofrer todos um pouco à minha volta, e dos seus brandos queixumes soube retirar qualquer grão de prazer.

O frio que vem de dentro, e cresce a cada ano, só é mitigado pela vagarosa lareira. Agora vou escrever sobre tempos mais gloriosos.

80 Alusão a Farnçois Villon (T.Q.B.), certamente falsa.

McCabe and Mrs. Miller

Éramos dois, um parecia jovem, o outro era-o e não sabia. Ao cinema levava-nos o culto simultâneo de Julie Christie e Leonard Cohen⁸¹.

Caía o sol a pique, nesse princípio de tarde tropical. Recusam-nos à porta do filme, por chegarmos de calções e de sandálias.

Endomingámo-nos para a *soirée*. À luz da janela, o rosto ponteagudo do sábio local lia, ou fingia que estudava, a vista do grande público.

Retenho desse serão o gosto do fumo da papoila, transposta de Baudelaire e Quincey para o Far-West; as cores de sépia; o tiroteio e mortandade na neve imaculada.

Floresta Negra

Passam alguns anos. Uma greve de comboios parisiense faz-me chegar a Oberwolfach à boleia, no insólito carro de um francês cuja mulher trabalhava na Baviera - fenómeno raro aos olhos de um meridional, ainda impreparado para as integrações europeias. Apesar das botas de alpinista e da cultivada fama de desportos vários, não ousou internar-me na frígida floresta — fi-lo três anos depois, num outro colóquio de fractais no Québec, porque aí soprava um vento tórrido.

81 A que então nos incitava o nóvel cineasta Giuseppe Luigi Spada (F.J.M.).

A greve prolongava-se, e de Heidelberg a Montpellier, onde me aguardavam, o trajecto possível era subornar o motorista basco da camioneta para Barcelona, e ficar junto à portagem. No meio da noite estava um carro à espera; e, na dúzia de milhas que nos separavam da cidade, somos os primeiros a derrapar, enquanto o maior nevão do pós-guerra se abate sobre a região.

Recordo a noite enregelada, as tentativas saídas pela bruma pardacenta, o centro comercial entreaberto onde, com uma sopa, a neve se fez água e esta vapor nas túrgidas roupagens, até enregelar de novo a próxima sortida.

Tanques desfilam pelas estradas a «dégager», o carro foi reparado mas ninguém o quer no “marché d’occasion”.

Anos antes, fizera esqui de fundo e de pista. Desde então não quis voltar aos “sports d’hiver”.

Sonhos de outro velho

Sempre gostei de Kurosawa, e nesse filme vi com prazer verdadeiro a cena dos pessegueiros.

Porém, mal entrevejo esse branco puríssimo — que, soube-o pela crítica, era afinal feito de sal marinho — cuido de sair ao intervalo.

Não devo esconder a mais ninguém o medo que tenho da neve.

Apraz lembrar como éramos vários e simultâneos, e entre os três ousámos dividir os caminhos da terra e os do espírito. A mim coube, como veremos, o trajecto mediano, outrora trilhado por Sakya Muni, a passos bem mais lesto.

Valerá a pena que me alongue sobre esses imprescindíveis companheiros de geração, sem os quais não saberia es-

tar hoje a escrever, destes confins de que a carta não regista o nome, entre a Malásia e a Birmânia, parcelas deste Oriente espiritual ao qual, de comum acordo, nos constrangemos nessa época febril.

Tran Quang Binh era o mais rigoroso e dedicado desde o início — ou talvez desde a eternidade! Numa vida anterior (de que todos descíamos) poderia ter sido discípulo de Devadatta ou Parçva, ou talvez Gosala - jamais lho perguntei...

Apesar da sua infância provençal, já que nasceu pouco antes de Dien Bien Phu, foi nos laboratórios de Marcel Das-sault que aprendeu a filosofar. Mas a genética e o karma dos seus maiores, relevada na casta do poeta insigne que ainda hoje é, souberam encaminhá-lo para o mais extremo dos Nascentes, aquele em que os tigres são de papel ou filigrana, e onde as criaturas esquecem que são de carne e osso (ou deixam de o ser, como pretendeu Ossendowski) para se realizarem na encarnação de ideias e desígnios inefáveis.

Aluno de um fundador dos Khmer Rouge em 68, substituiu a química pela alquimia e hesitou entre as escolas de Dubuis e Solazaref. Em Lima discutiu, a tradução dos escritos de Atahualpa Yupanqui com Abinael Guzmán. Discordavam geralmente, e divertiam-se sempre. Khomeiny ainda vivia quando o aplaudiu, de pé no centro geométrico do Largo Sublimata, ombro a ombro com Abbas Kiarostami, de que foi figurante. Naquele dia primeiro de Janeiro estava, incógnito e embuçado, ao lado de Marcos em Chiapas (diz-se à boca pequena que lhe fez as notas de erudição para o discurso).

Em Pyongyang, onde era dançarino atingiu e realizou a perfeição do Ser, mediante a via que Lao Tseu e Belknap Long chamaram a contemplação do Tao, que não difere daquilo que os discípulos de Vajrayana designam como a

sabedoria de Amida. É a pura sagesa que se exprime num simples gesto, autorizado pela presença do Mestre, no absoluto, silêncio. Foi o que aconteceu a Tran, numa das últimas vezes que Kim-II-Sung assomou à janela.

Após um breve estágio de tiro ao arco em Hokkaido, não dispensou a companhia dos amigos. E foi nas faldas glaciais do Ararat, junto aquilo que terá sido a Arca de Noé, que veio a tomar posse dos despojos do infelizmente Fermín. Cujas obra e contornos tem sabido realçar, ao Sol da sua luz interior. Esta brilha, no entanto, demasiado e ofusca; nenhum de nós o compreendeu perfeitamente, e julgávamo-lo até um tanto desumano, no seu conseguido equilíbrio de todas as qualidades.

A terceira tradição, a do oriente levantino, que passa pelo respeito e humildade, entremeados de bravura e jactância, era talhada à larga medida de Fermín Jesus Menendez, o único do nosso trio que não atingira a iluminação espiritual. Talvez por ser o mais bravo, aventureiro, denodado, e por tudo predestinado ao malogro.

Passou arbitrariamente também pela tradição sufi de Pir Ynayat Khan como pela siciliana de Don Vincenzo Corleone, num périplo incompleto, num círculo que não fechou... é uma ferida que nos dói a todos.

Tinha sangue da América Latina e fervia em pouca água. Não soube acatar nem obedecer — nem tão pouco sequer beijara a mão do mestre, ou do padrinho.

Chorava, como é próprio dos aprendizes sinceros, e arrependia-se, mas jamais conseguiu passar à fase ulterior, e ultrapassar-se; as suas palavras derradeiras transmitem a ironia e a revolta de todos aqueles que perseguiram, com o seu vigor interno, um ensino (o de Gurdjieff) que já perdera a baraka, mostrando, “une fois de trop”, estar completamente exangue.

Como os outros dois, também eu fui fiel à genética, no meu caso ariana, desde tempos imemoriais; e a tradição que a acompanha, do diálogo de mestre a discípulo, que na capital da Grécia deu origem à primeira Filosofia pós-xamanista, na Germânia às formas musicais sinfônicas, na Saxónia a multidão das vozes de Shakespeare, e, no outro hemisfério onde rola o Amazonas, a saga impar daquele que dizia não desejar o Nobel e a quem Pierre Passion definiu como o maior de todos os autores menores.

Tudo isto são digressões que me afastam - como me afastou a primeira metade da vida - do propósito e centro destas memórias, a origem geográfica da estirpe ariana pela qual os meus antepassados combateram em orgulhosa crueldade - a vasta, inumerável Índia.

Lá onde, depois de visitar o Ganges e de um primeiro noviciado com Sri Ma, vim a dobrar a espinha, desprendido e humilde. Lanza del Vasto conta-nos que ao ouvir o canto das sereias - a bem-aventurada felicidade total, que a prática com a teoria do Raja Yoga sabe transmitir - se amarrou ao mastro do navio da vida e fixou ao leme o rumo oposto; para assim escapar ao perigo do Absoluto. Não correu, desta arte, o risco da salvação; cá por mim, mergulhei nele de corpo e alma.

Foi-me assim concedido o dom da liberdade, usei sucessivos nomes e roupagens. No Sikkim visitei o lamastério do Karmapa, de que pouco depois foi reconhecido o *tulku* reencontrado.

Nas cidades santas em torno de Katmandu ouvi a confissão de moribundos, dei-lhes o sacramento, levei-os à pira fúnebre e espalhei as suas cinzas no escasso rio. Fiz chá com manteiga e servi-o ao abade em Giorn-Lha-Kang. Em Tashi-Lumpo fui recebido como irmão por Tenzing e Prohana, já que de ambos fui, de facto, irmão carnal três vidas

atrás. Fiel ao hábito Bon-Po, peregrinei em torno do Kailash no sentido contrário ao dos outros devotos (lembro o prazer com que a meio do caminho encontrei o sempre jovem Ramikkon, a tsampa que comemos, as oferendas aos deuses do lugar, os sacrifícios às cinco direcções).

Partilhei diferentes usos e linguagens. A saúde, outrora frágil, foi melhorando a cada troço do caminho. Os sentidos apuraram-se, e os *siddhis* sucediam-se. Levantei mais que uma vez.

Ao atravessar um ribeiro, dei com uma flor de lótus, e com ela salvei uma formiga que se afogava. Este pequeno insecto veio a ser o guru de uma cabra. Por uma bela história que outro dia contarei, esta salvou um louco, e condenou um ser humano - a infornada e romântica Dalida.

Sou íntimo dos *rakshasas* e amigo das *daikinis*. Aqui, nos pantanais onde se cultivam o arroz e o ópio, tribos que defendem esse país que a ONU não quer reconhecer compararam-me a Cristo.

Tenho andado sobre as águas, e pratico a arte do milagre quando se torna necessário. Um dia, falei aos peixes; noutra vez, multipliquei os pães, e estes vieram quentes, como se saíssem do forno de barro; numa ocasião que não esquecerei, bebi vinho, e ao fazê-lo quebrei um voto e mandamento, e soube então que me era lícito fazê-lo.

Será ociosidade ou estultícia enumerar, mas sei falar trinta línguas e sonho — os mestres não o fazem, mas sou livre e gosto de sonhos — sonho, dizia, em dezassete delas. No correio que raros e preciosos portadores vêm trazendo, sucedem-se, em vietnamita, as claras peças caligráficas de Tran Quang Binh, e leio, em espanhol, os ilegíveis hieróglifos que Fermín me quis confiar.

Neste retiro da selva, são os animais ferozes que trazem as bagas silvestres de que me alimento. Outras vezes são

eles que vêm beber água às minhas mãos. Como o pobre de Assis, dialogo em música com os pássaros, e por palavras com os humanos que me vêm procurar à gruta, ou debaixo da árvore em que me sento.

Foi ontem. Numa língua daquelas que falo à vezes e em que não deixo de sonhar (qual delas? a dos pássaros, ou a dos teutónicos?), reconheci vultos claros, chegados da distante Europa. Vi como, desajeitados, se arrojavam ao solo, e reconheci, nesse idioma remoto palavras antigas, que eles me dirigiam, em vozes brandas:

“Mestre. O teu ensinamento!”

Numerologias

I - Designaremos por Nova Ordem Fractal o grande número de conceitos e de ideias que, a partir do conjunto de Mandelbrot e análogos, têm permitido “domesticar” o Caos isto é, identificar no espaço dos parâmetros associados a funções recorrentemente iteradas, as áreas correspondentes a sequências caóticas (numericamente imprevisíveis) e/ou periódicas. Subsiste, porém, na fronteira dessas regiões, o problema, posto por Penrose, da indecidibilidade — ou incompressibilidade, no sentido de Chaitin, — isto é, o facto de ser impossível determinar, sem cálculos, o comportamento das iteradas de um ponto arbitrário. Trata-se aqui de uma singular dicotomia na teoria das fractais: ou ilustram o Caos, ou, quando remetem para a ordem, neles subsiste um grau maior de indeterminação.

II - Por oposição a esta ordem (de índole geométrica), o estudo de números inteiros vem oferecendo comportamentos de natureza surpreendente, que são propriedades de carácter não recursivo. As listagens de números que iremos examinar (no contexto exemplar de uma tradição indiana) assemelhar-se-ão, pelo facto de crescerem sem factor comum, àquelas enumerações heterogéneas que fazem as delícias dos leitores de Belknap Long e Jorge Luís Borges.

Torna-se pois natural perceber um número, quando integrado numa tal sequência, não como quantidade ou medida, mas antes enquanto suporte de todas as suas qualidades não ter sido outra a atitude de Pitágoras e Ramanujan; e, porventura, *in re physica*, a de Eddington e Dirac.

A matemática, por um lado, e por outro, o estudo das sociedades tradicionais, revelam-nos formas discrepantes desse poder do número. Desenvolveremos a seguir um aspecto da antiga religião dos Jainas, recordando alguns dos números que aparecem nos seus textos venerandos.

III - Foram 24 os tirthankaras, fundadores desta crença, dos quais só 2 têm existência histórica comprovada: Parçva e Mahavira.

Os discípulos do primeiro (está escrito) eram 8 mil sábios, 16 milhares de monges e 38 de freiras; os laicos (também em milhares), eram 164 de cavalheiros e 327 de senhoras.

Continuando a contar por unidades de mil, os sábios que seguiam Mahavira eram de 2 categorias: a primeira atingiu 2 milhares; a segunda, 6,8.

Monges/freiras/homens/mulheres, contavam-se, respectivamente, por 14/16/55/318.

IV - As unidades de medida fazem lembrar o sistema inglês.

A mais pequena é o angula (ou dedo) = 2 cm. O múltiplo seguinte, o hasta, é 24 vezes maior; 4 hasta fazem um dhanu (1 metro 90).

Enfim, para as grandes distâncias, a unidade é o yojana (13 Km).

Mais curiosa é a medição do tempo. A unidade mínima é infinitesimal - o instante, ou sanaya.

Um “múltiplo indeterminado” constitui a próxima unidade, ou avalika. “Vários avalikas fazem um prana (tempo de uma inspiração).

7 pranas = 1 stoka.

7 stokas = 1 lava.

38 $-1/2$ lavas = 1 nalika = 24 minutos.

Existe, porém, uma outra forma de decompor o nalika em unidades elementares, também a partir de uma base fisiológica – trata-se do nimisha, ou piscar de olhos. 18 dessas medidas fazem um Kashtha, o dobro desta chama-se lava (num sentido diferente da anterior composição); 15 lavas = 1 kala; 2 kalas = 1 leça; 15 leças = 1 kshara, e 6 ksharas fazem 1 nalika.

A partir daí, as unidades do tempo são mais facilmente compreensíveis:

2 nalikas = 1 muharta = $1/30$ de 1 dia

1 Prahara = 3 horas

1 Dina = dia claro

Aharta = Dia + Noite = 24 horas

1 Paksha = quinzena

1 masa = 30 dias

2 masa = 1 rita

3 Ritas = 1 Ayam (estação)

2 Ayam = 1 samsvêtarā = 360 dias

5 samsvetara = 1 Yuga.

V – Mais interessantes que as medidas do tempo são as dimensões da eternidade.

A unidade de base é o Purvaranga - 8.400.000 anos. Seguem-se, em progressão geométrica 12 medidas diferentes, a última das quais, o Sagaropama, é igual a $(8.400.000)^{13}$ anos - isto é, uma quantidade de magnitude 90.

Saliente-se, a título de comparação, que quando Dirac formula a Large Number Hypothesis, o número de “instantes” correspondentes à idade do universo é de 10 elevado a 39 e que a menor unidade de tempo que faz sentido, na física actual, é 10 com expoente -43 segundos; ou seja a eternidade jaina é mais longa e divide-se mais finamente que o universo dos cosmólogos.

VI - As idades do mundo são 6 e sucedem-se numa escala decrescente de prosperidade.

Da 1ª até à 3ª as durações são respectivamente de 4, 3 e 2 crore crore anos

(1 crore = 100 000; crore crore = quadrado de crore).

A 4ª idade terá ocupado 1 crore - 42 000 anos.

A 5ª é a actual, e dura 21 000 anos, assim como a 6ª; dos quais, já terão passado 2400, o que remonta aproximadamente à origem do jainismo.

VII - A astronomia traz-nos os seguintes dados, medidos em Yojanas.

O sol tem o diâmetro de 48.1/60, e paira a uma altura de 800; 880 é a altura da Lua, e o seu diâmetro 56.

As estrelas são 66 975 crore crore.

Os céus são 12, povoados de vimanas (os palácios celestiais dos deuses, por vezes identificados aos OVNIS).

O número do vimanas conta-se por milhões, nos três primeiros céus: respectivamente, 3.2, 2.8 e 1.2. Entre o quarto e o oitavo, serão milhares: 800, 50, 40, 6.

No 9º e no 10º céus, existirão 400; enfim, nos 2 últimos, o seu número é de 300.

VIII - O jainismo e uma teoria da redenção, segundo leis inexoráveis em que as almas são supostas encarnar em reinos de ascendente perfeição.

A cosmologia que sustenta esta doutrina começa nas 7 regiões inferiores ou infernais.

A seguir indicam-se, para cada uma delas, a sua dimensão em Yojanas e o número de partes que a constituem.

Tamanhos	Partes
1 8.800.000	5
2 9.600.000	99 995
3 9.800.000	300 000
4 10.000.000	1.000 000
5 10.800.000	1.500 000
6 11.200.000	2.500 000
7 8.000.000	3.000 000

Entre os céus e os infernos fica a Terra. Trata-se de um disco com 100 040 yojanas de diâmetro.

É composta por continentes e oceanos, e tem no seu centro, o Monte Meru, com 4 andares. Os 3 primeiros são de metal e medem 1 000, 63 000 e 35 458 yojanas. O derradeiro andar é composto de florestas, com espécies vegetais bem diversificadas.

A espessura de cada camada é 500, 300, 62 500, 500 e 494 yojanas.

Nunca ninguém viu o Monte Meru, comum a todas as religiões indianas; o seu análogo mais próximo é o Himalaia, de comprimento 1052 –12/19 yojanas, e altura 125 (compare-se com o “Pequeno Himalaia”, de parâmetros 1210 10/19 e 250). A desproporção com o Monte Everest (cujas altura não atinge 1 yojana) explica-se facilmente, pois supõe-se que a maior parte de qualquer dessas montanhas é subterrânea — um análogo continental do iceberg.

A doutrina jaina representa uma das primeiras ocorrências do atomismo e as substâncias terrestres virão a ser agregados de elementos (discriminados em 2, 3, 6, 23 e 530 tipos, segundo o critério). São consideradas 48 classes de terras, minerais e compostos: 29 géneros de água e de líquidos; 19 espécies de gases, e 12 de fogo.

Descrevem-se ainda 200 variedades de átomos, e 7 propriedades — peso, temperatura, carga eléctrica, efeitos de superfície, sabor, cor e cheiro.

IX - Enfim, a salvação.

Supõe-se que em cada um dos 7 infernos a alma passa, respectivamente 33, 22, 17, 10, 7, 3, Sagaropamas; no derradeiro, 1 crore de anos.

Aqueles que hoje são animais terão passado 400 000 renascimentos, 7 deles na forma animal; os que hoje, como nós, são humanos, terão tido, até aqui, 1 800 000 vidas, e em 8 delas a forma humana.

A perfeição atinge-se ao fim dessa caminhada, e é conquistada colectivamente, em simultâneo, quando um grande número de seres estão prontos.

Assim, dizem os escritos, que de cada vez se salvam 108 homens, 20 mulheres e 10 hemafroditas; ou 108 monges, 10 hereges, 4 laicos; ou ainda 108 indivíduos de estatura média, 2 altos e 4 pequenos; enfim, 108 em terra, 20 em grutas ou

subterrâneos, 4 nas montanhas, 2 no mar e 3 — único número ímpar nesta listagem — em rios.

X - A matemática contemporânea também conhece numerações exóticas, todas elas definidas por operações recorrentes a partir da exponencial:

Menciono duas, sem desenvolver:

- o paradoxo de Richard ;
- O “Busy Beaver” - número máximo de símbolos 1 escritos por uma máquina de Turing a N estados.

Desconheço interpretações mais ousadas, nestas matérias, que o continuado tributo de Gregory Chaitin. De quem falarei num outro livro.

Impresso em Chiado Print, Lisboa, Portugal